

OS ARQUIVOS PERDIDOS

DE VOLTA A PARADISE



PITTACUS LORE

AUTOR DO BEST-SELLER EU SOU O NÚMERO QUATRO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PITTACUS LORE

OS ARQUIVOS PERDIDOS:
DE VOLTA A PARADISE

OS LEGADOS  DE LORIEN

TRADUÇÃO DE FLORA PINHEIRO



Copyright © 2014 by Pittacus Lore
Todos os direitos reservados a Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
The Lost Files: Return to Paradise

TRADUÇÃO
Flora Pinheiro

PREPARAÇÃO
Lígia Azevedo

REVISÃO
Danielle Freddo
Juliana Pitanga

CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-589-7

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br





Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo quatorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Sobre o autor

Conheça os livros do autor

Títulos relacionados

CAPÍTULO UM

Durante a primeira semana na escola nova, preciso ficar o tempo inteiro me lembrando de quem sou. Não que eu tenha perdido a memória ou algo assim. Eu *sei* quem eu sou, no sentido literal. Mas tenho que ficar me lembrando do que significa ser eu. Então passo a semana inteira repetindo mentalmente:

Você é Mark James.

É isso que penso na segunda-feira, quando um babaca me faz tropeçar enquanto procuro um lugar vago em uma aula de matemática cheia de estranhos.

Você é Mark James, o cara que todos admiravam na antiga escola. Esses idiotas vão ver só.

É o que penso também na quarta-feira, quando alguém rouba minhas coisas do armário durante a musculação e sou forçado a ficar com roupas de ginástica suadas durante as duas últimas aulas.

Você é Mark James, o melhor quarterback de todos. Eles só estão com inveja.

E é o que penso mais uma vez no almoço de quinta-feira, quando estou sentado na caçamba da minha caminhonete e um velho Camaro barulhento passa depressa jogando um enorme copo de Fanta Laranja em cima de mim e gritando algo como “viadinho”.

Você é Mark James, o melhor atleta que já passou pela droga do Paradise High Pirates.

Um ano atrás, se alguém me perguntasse o que o futuro me reservava, era provável que eu dissesse algo como “Mark James, melhor quarterback de Ohio”. Talvez, se já tivesse tomado umas

cervejas, chegasse a falar algo como "Mark James, escolhido de primeira por um time profissional de futebol americano".

Mas eu não diria, sequer imaginaria, qualquer coisa minimamente parecida com "Mark James, sobrevivente de um ataque alienígena".

Durante toda a minha vida, meu futuro parecia certo. Assim que dei meu primeiro passe em campo, sabia o que queria ser: quarterback na Paradise High, estrela de futebol americano na faculdade e depois, quem sabe, da Liga Nacional. Mas agora o futuro é essa coisa sombria, idiota e imprevisível, e parece que minha vida inteira foi dedicada a algo que nem mesmo importa. Algo que talvez nem chegue a acontecer, se acabarmos dominados por um bando de alienígenas superpoderosos. Quer dizer, meu troféu de melhor jogador da região serviu para matar um alienígena. Um mogadoriano. Um bando de imbecis pálidos e esquisitos de outro planeta. Eles vieram à Terra atrás de um alienígena que parece muito com um ser humano, John Smith — *rá* —, e sua amiga invisível. Então destruíram minha escola. Meu reino. E enquanto isso quase me mataram.

Algumas pessoas morreram. Acho que tenho sorte, mas não me *sinto* assim. Eu me sinto como alguém que acabou de descobrir que vampiros existem ou que a realidade é, na verdade, um jogo complicado de videogame. As outras pessoas seguem as suas vidas, mas, para mim, o mundo mudou.

Poucos sabem o que realmente aconteceu em Paradise High. Todo mundo pensa que a escola está aos pedaços porque o novato/esquisito John Smith pirou e se jogou da janela da sala do diretor, depois voltou à noite e começou a quebrar tudo, destruindo metade do prédio. Então fugiu da cidade. Dizem por aí que ele é um adolescente terrorista, um espião infiltrado ou um psicopata. Depende de quem conta a história.

Mas a explosão de uma escola não pode ser obstáculo para a educação, então todo mundo da Paradise High foi transferido para a escola mais próxima ainda de pé. Só que essa escola é nossa maior

rival, Helena High, que derrotei no melhor jogo de futebol americano da minha vida, coroando uma temporada invicta depois de aniquilar a defesa deles. Então acho que consigo entender por que não sou o cara mais popular do colégio. Mas nunca pensei que fosse passar meu último semestre levando Fanta Laranja na cara. Se eu ainda fosse o antigo Mark James, talvez até achasse graça. Ficaria imaginando como me vingar dos outros alunos, pensando em um jeito de eu e meus amigos do time pregarmos uma peça neles e rirmos por último. Mas encher o armário de alguém de esterco não é minha prioridade, agora que sei que seres de outro planeta estão entre nós e que pode haver uma invasão alienígena a qualquer momento. *Quem me dera* esterco ainda fosse uma prioridade na minha vida.

Alguns caras do time disseram que estou mais quieto e que pareço diferente desde que tudo aquilo aconteceu, mas não consigo evitar. Parece meio sem sentido falar sobre carros e festas depois de quase ter sido esmagado por uma espécie de besta extraterrestre. Como posso voltar a ser aquele Mark James que adora se divertir e tomar uma cervejinha depois do que passei? Agora sou o Mark James paranoico que pensa que alienígenas virão atrás dele.

Acho que consigo suportar essa nova escola. Na verdade, devo até merecer essas coisas, por causa do que fiz com pessoas como John lá na Paradise High. É só por um semestre, e aí eu me formo. Talvez até consigam consertar o auditório do colégio a tempo e eu possa subir no palco da Paradise para receber o diploma. O que me incomoda é que não posso contar a ninguém o que aconteceu. Eles me mandariam para um hospício. Ou pior: aqueles alienígenas do mal, os mogadorianos, viriam atrás de mim para me manter de boca fechada.

Pelo menos posso conversar com Sarah. Ela estava lá. Lutou ao meu lado, quase morremos juntos. Enquanto Sarah estiver comigo, não vou enlouquecer.

CAPÍTULO DOIS

Há ônibus escolares enormes que fazem o transporte entre Helena e Paradise, mas consegui convencer o diretor a me deixar ir de carro. Disse que queria ficar até mais tarde para malhar, que não queria que os últimos acontecimentos em Paradise me impedissem de virar um superjogador de futebol americano na universidade, e ele concordou. Acho que não só porque espera que meu futuro seja bom para a imagem da Paradise High, mas também por todos na cidade ainda sentirem um pouco de pena de mim por ter dado uma festa em que acabaram ateando fogo na minha casa por acidente.

Acho que aquilo não teve nada a ver com os aliens. Pelo menos, fiz questão de dizer a quem insinuasse que John explodiu minha casa que, na verdade, a culpa foi de uns maconheiros no porão que começaram a tacar fogo nas coisas só por diversão. Isso costuma fazer as pessoas calarem a boca, principalmente os adultos que gostam de fingir que esse tipo de coisa nunca acontece na boa e velha Paradise. Além disso, John salvou Sarah e meus dois cachorros. Tem até um vídeo no YouTube como prova. Ninguém deveria falar mal dele por aquela noite. Merece um desconto.

Encontro Sarah no estacionamento me esperando perto da caminhonete, depois do último sinal de sexta-feira, em nossa primeira semana na Helena. Está um pouco nublado, e aquele suéter xadrez exalta sua beleza e faz seus olhos quase brilharem de tão azuis. Ela está linda.

Sempre está.

Sarah Hart foi — *é* — o amor da minha vida. Mesmo após desistir de ser líder de torcida e começar a ir para a escola fantasiada como

uma emo hipster que, do nada, não queria mais namorar o quarterback. Mesmo depois de me dar o fora e começar a sair com um alienígena.

Abro um sorriso enorme ao me aproximar. É instintivo. Não consigo evitar. Ela também sorri, mas não tanto quanto eu gostaria.

Mesmo com o mantra do “Você é Mark James” o dia inteiro na minha cabeça, às vezes parece que não sou eu mesmo. Em vez de me comportar como o cara calmo e centrado de sempre, começo a me preocupar com guerras intergalácticas e penso que os mogadorianos podem estar me espionando durante o café da manhã. Mas mesmo quando começo a me perguntar se não deveria construir um abrigo antibombas no meio da floresta, parte de mim quer continuar vivendo no mundo que eu conhecia antes de descobrir provas de vida alienígena na Terra: o mundo onde eu era só um cara tentando reconquistar a ex-namorada.

Se todo esse suplício tem um lado bom, é ver Sarah com muito mais frequência. Gosto de pensar que salvar a vida de John a impressionou, talvez até tenha mostrado que sou mais do que ela pensava. Algum dia, quando tudo estiver resolvido, Sarah vai cair em si e perceber que, embora John seja um alienígena legal, ainda assim é um alien. E eu estarei esperando, mesmo que para isso precise lutar contra invasores espaciais para mantê-la segura e provar que sou melhor do que ele.

Mas a espera é uma droga.

— Você está pedindo para ser atacado, não é? — ela pergunta quando me aproximo.

Fico confuso a princípio, mas então percebo que Sarah se refere à minha jaqueta personalizada da Paradise High, com meu nome bordado em dourado no peito.

— O quê? Isso? — pergunto, flexionando um pouco os músculos e estufando o peito. — Só estou representando a escola. Tentando trazer um pouco da Paradise para este inferno. Assim podemos nos sentir em casa.

Ela revira os olhos.

— Você está provocando os outros alunos.

— Esses caras são o menor dos meus problemas ultimamente.

— Você que sabe — ela responde. — Sua caminhonete ainda está cheirando a Fanta Laranja.

Depois de entrarmos no carro, Sarah encosta a cabeça na janela do carona e dá um longo suspiro, como se o estivesse segurando o dia todo. Parece cansada. Linda, mas cansada.

— Me deram um novo apelido hoje, na aula de biologia — ela conta, de olhos fechados.

— Ah, é?

— Sarah Teresa de Calcutá. Tentei explicar que John não era um terrorista com planos de explodir a Casa Branca. Tipo, alguém chegou mesmo a falar que ouviu dizer que ele tinha planos de explodir a Casa Branca...

— Quem é que está provocando os outros agora, hein?

Ela abre os olhos apenas o suficiente para me olhar de cara feia.

— Passo praticamente o dia inteiro defendendo John, mas todo mundo se recusa a escutar. E toda vez que tento explicar que eles não sabem de toda a história, perco um amigo. Sabia que Emily acredita que ele sequestrou Sam? E não posso nem falar que isso é mentira. Só posso dizer que John nunca faria isso, e aí ela me olha como se eu estivesse envolvida em uma conspiração para destruir o país ou algo do tipo. E pior: que sou uma otária apaixonada em negação.

— Bem, você ainda tem a mim — respondo, tentando tranquilizá-la. — E defendo John sempre que dá. Mas acho que não tenho sido muito bom nisso. Todos os caras do time acham que ele conseguiu acabar com a gente depois da corrida de carroças porque recebeu treinamento de agente especial na Rússia.

— Obrigada, Mark — Sarah diz. — Sei que posso contar com você. É só que...

Ela abre os olhos e examina a paisagem lá fora enquanto passamos por alguns campos vazios. Não chega a terminar a frase.

— É só que o quê? — pergunto, mesmo sabendo qual será a resposta. Sinto o sangue nas minhas veias correr um pouco mais depressa.

— Nada.

— Fala, Sarah... *O quê?* — insisto.

— Queria que John estivesse aqui. — Ela dá um sorriso triste. — Para se defender.

É claro que ela gostaria que John estivesse aqui porque, na verdade, sente saudades. E está morrendo de preocupação por não saber onde ele está ou o que está fazendo. Por um momento, me sinto como o Mark de antes e minhas mãos apertam o volante com mais força. Quero encontrar John Smith, socar a cara dele e continuar batendo até meus dedos começarem a sangrar. Quero engrenar em um discurso sobre como, se ele realmente amasse Sarah, não a teria deixado para trás, sofrendo com zombarias e provocações. Teria agido como um homem de verdade. Sei que John foi embora para procurar outros alienígenas como ele, para ajudar a salvar nosso planeta, mas, se eu estivesse no lugar dele, teria dado um jeito de manter Sarah e o mundo seguros. E felizes.

Não consigo acreditar que é esse o tipo de conversa que tenho comigo mesmo todos os dias atualmente.

Ficar irritado com John só me faz parecer o Mark que levou um fora de Sarah. Então, em vez de começar a falar mal dele, engulo a raiva e mudo de assunto.

— Tenho pensado muito no que aconteceu. E em como o FBI tem lidado com isso. Meu pai disse que é meio estranho eles não compartilharem nada com a polícia local. Quer dizer, ele é o xerife, mas não recebeu nenhuma informação sobre o que está acontecendo.

— É, mas não é para eles conseguirem manter a investigação em segredo? — Sarah pergunta. — Esse é o *trabalho* do FBI, não é?

— Meu pai acha que não. Ele acha que deveria pelo menos ser informado, mesmo que não pudesse contar ao restante da força. Além disso, sei que encontraram alguns corpos na escola e que o prédio ficou muito devastado, mas John foi direto para o topo da lista de mais procurados do FBI. Parece exagero, não? Ainda mais se considerarmos que não há *provas* de que ele tenha sido o responsável.

— E daí? Você acha que isso é alguma conspiração do governo?
— Sarah questiona.

Ela endireita a postura, inclinando-se um pouco na minha direção.

— Só acho que talvez eles saibam mais a respeito do povo de John do que deixam transparecer. *Acho* que alguns daqueles caras de terno preto são espertos o bastante pra sacar que as marcas gigantescas de garras no campo de futebol não foram obra de um simples adolescente furioso.

— Meu Deus, Mark! Você está parecendo o Sam — ela retruca e então dá de ombros. — Mas acho que ele estava certo sobre algumas coisas que pensávamos ser loucura. Isso faz sentido. Quer dizer, se têm acontecido mais coisas assim pelo país, *alguém* deve estar acompanhando, né? O FBI apareceu aqui bem depressa. Talvez estejam trabalhando com a... espécie de John?

Não consigo acreditar que Sarah se apaixonou por alguém de outra espécie.

— Ou estão trabalhando com as bestas das espadas reluzentes — respondo. — O que significa que acabamos de abrir espaço para o inimigo se instalar na cidade.

Sarah encosta a cabeça na janela outra vez.

— Cadê você, John? — sussurra, e sua respiração quente faz a janela embaçar. — Cadê você?

Ficamos em silêncio durante o restante da viagem.

Só consigo pensar na promessa que fiz a John quando tudo estava acontecendo na escola. Prometi a ele que cuidaria de Sarah. É claro que farei isso. Faria mesmo se ele não tivesse pedido. Mas é

de revirar o estômago saber que é nele que ela está pensando, mesmo que seja *eu* quem está cuidando dela.

CAPÍTULO TRÊS

Depois de deixar Sarah em casa, entro no modo detetive.

Toda essa história de “alienígenas existem e estão atacando a escola” é recente, mas desde então tenho tentado descobrir o máximo possível sobre o que está acontecendo. Gostaria de poder dizer que faço isso para conseguir derrotar os vilões caso a Terra precise se defender, mas acho que é mais porque preciso fazer alguma coisa. E porque gosto de ser o tipo de pessoa que sabe o que está acontecendo ao redor. De preferência, o tipo de pessoa que está no comando. Talvez por isso eu fosse tão bom como quarterback. É surpreendentemente difícil passar do cara que sabia tudo o que acontecia na escola a um atleta burro que nem reparou estar no meio de uma guerra.

Posso mudar isso. Só preciso coletar informações.

Além do mais, desse jeito tenho outros assuntos com Sarah, e não só conjecturar se John — e os outros, mas principalmente John — está bem ou não. Mesmo que eu acabe parecendo um pouco com o maluco do Sam.

Decido ir para casa pelo caminho mais longo e passo pela escola. Não que dê para chegar muito perto dela, já que a área está isolada. Não é mais a polícia que está à frente das investigações. Se fosse, talvez eu pudesse até acampar no jardim da escola se me desse na telha, já que meu pai é o xerife. Mas quem manda agora são pessoas *muito* mais poderosas. Como o FBI e outros órgãos governamentais de três letras de cuja existência nós civis nem deveríamos saber. Tem muita gente de terno preto circulando por Paradise ultimamente, e até que faz sentido, já que o que aconteceu

por aqui foi digno da Área 51. Tentei entrar na escola escondido, passando pelo bosque que fica nos limites do terreno, mas à noite eles iluminam toda a área em volta do prédio com holofotes enormes. Não dava para chegar perto da Paradise High sem ser visto.

Seria uma boa hora para ter por perto aquela garota alienígena — Seis — e seu poder de invisibilidade.

Reconheço o policial que está de guarda para bloquear a entrada na rua da escola. Todd é só uns três ou quatro anos mais velho que eu. Era um grande astro do futebol americano aqui na cidade, e sempre gosta de me alugar para falar de estatísticas e jogadas quando vou à delegacia. Hesito por um segundo, então decido tentar a sorte. Quero saber o que está acontecendo na escola. Talvez, se eu conseguir chegar perto o bastante para dar uma olhada no tipo de investigação que estão fazendo, dê para eu ter uma ideia de quanto eles sabem ou não. Talvez eu consiga até arrancar algumas informações, se eu não encontrar nenhum dos caras pálidos pelo caminho.

Faço a volta e retorno à escola. Enquanto isso, tiro a jaqueta e a jogo no banco de trás, pondo a mochila por cima dela.

— E aí, cara? — digo, parando perto de Todd. Cones de trânsito bloqueiam meu caminho. — Como vão as coisas?

— Nada de mais, só congelando a bunda para proteger este solo sagrado — ele responde, enfiando as mãos nos bolsos e indicando a escola com a cabeça.

Não dá para dizer se Todd está sendo irônico ao chamar o colégio de solo sagrado, porque é o tipo de cara que vai contar histórias sobre os gloriosos dias do ensino médio até o último suspiro.

— É — respondo, fazendo o possível para soar despreocupado. — O que eles estão fazendo por aqui, afinal? Quer dizer, fiquei sabendo que o lugar está uma zona, mas meu pai disse que não falaram se encontraram algo de útil.

— É informação confidencial — Todd retruca, erguendo um pouco as sobrancelhas para fazer aquilo soar ainda mais importante. — Você sabe, tem a ver com segurança nacional. Parece que o governo não fica muito feliz quando resolvem destruir escolas.

— Aposto que não, cara. — Concordo, balançando a cabeça. — Mas então... Eu deixei minha jaqueta no armário antes de tudo aquilo acontecer e... Sei que é idiota, mas me sinto pelado sem ela. Você acha que dá pra eu ir pegar rapidinho? Quer dizer, você também devia se sentir assim com a sua, na época em que fazia todos aqueles *touchdowns*. É como uma segunda pele.

O rosto de Todd se transforma. Ele fica em silêncio e, de repente, parecendo que acabou de engolir alguma coisa amarga. Por fim, só balança a cabeça.

— Não dá, cara — responde, devagar. — A entrada está proibida. Não posso nem chegar perto do terreno.

— É, mas...

— Não — ele repete, sem deixar espaço para discussão.

Forço os olhos e tento ver o mais longe possível na rua da escola, mas só consigo enxergar um monte de SUVs pretas e algumas figuras em roupas escuras.

Todd pigarreia, e eu volto ao presente.

— Beleza — respondo. — Só pensei que valia a pena perguntar. — Forço um sorriso. — Mas, se alguma coisa acontecer com minha jaqueta, vou infernizar você pelo resto da vida.

Todd exhibe um pequeno sorriso enquanto dou ré e me afasto da escola.

Eles não deixam nem o cara chegar perto da escola?, penso. O que diabos estão fazendo lá?

CAPÍTULO QUATRO

Minha avó mora no interior, em uma velha casa de dois andares decorada com tantos painéis de madeira que mais parece um chalé. É lá onde meus pais e eu estamos hospedados, já que nossa casa virou, praticamente, uma pilha de cinzas. Meus pais estavam começando a pensar em construir algo do zero quando a cidade surtou, então estamos com minha avó — a mãe do meu pai — por tempo indefinido.

Mal saio da caminhonete e Abby, nossa golden retriever, já está de pé nas patas traseiras, tentando lambe meu rosto. Dozer, nosso buldogue, se levanta de onde estava deitado, na varanda. Por um momento, parece que vem me cumprimentar também, mas no segundo seguinte volta a se deitar e começa a roncar.

A casa está com um cheiro maravilhoso de carne assada e purê de batatas. É o prato favorito do meu pai, o que significa que ele está de mau humor e a vovó está tentando animá-lo. Parece que meu palpite está certo, porque minha avó aparece na porta da cozinha para dizer que minha mãe vai passar mais algumas semanas em Cleveland, visitando a família. Conhecendo minha mãe, sei que isso quer dizer: “Vou enlouquecer se continuar nesta casa com minha sogra.” Ela tem agido de um jeito muito estranho e distante desde que a casa pegou fogo, mas digo a mim mesmo que vai ficar tudo bem e que ela vai voltar a Paradise quando tudo acabar.

Meu pai chega pouco depois de mim. Acho que o lado bom de ficar de fora de uma investigação importante é poder jantar na hora certa todos os dias. Ele larga o chapéu de xerife em uma mesa perto da porta da frente e vai para o quarto de hóspedes no andar de

cima. Logo volta, usando um casaco de moletom e calça jeans, e nós três nos sentamos para jantar à antiquíssima mesa redonda da vovó, que deve pesar duas toneladas.

Vovó faz uma oração e pergunta como foi nosso dia. Dou uma resposta vaga sobre como as coisas estão indo bem na escola. Até onde minha família sabe, não há diferença alguma entre quem eu era na Paradise e quem sou na Helena. Meu pai pergunta se a coordenação já decidiu se a Paradise vai ter um time de beisebol próprio na primavera ou se vamos nos juntar ao time da nova escola, o que seria pior do que não ter time. Dou de ombros e continuo a comer.

Depois de alguns minutos, mudo o assunto para a investigação.

— Vi o Todd hoje — comento, entre uma garfada e outra. — Ele me contou que nem sequer o deixam entrar no terreno da escola, mesmo que teoricamente seja o trabalho dele proteger o local.

— O oficial Charleston — meu pai retruca, de boca cheia — não deveria focar sobre assuntos da polícia. Muito menos sobre uma investigação em andamento.

— A culpa foi minha. Vi que ele estava de guarda e parei para conversar. Forcei Todd a falar comigo. Não se preocupe, ele não me deixou dar nem um passo além do bloqueio.

Meu pai não responde, apenas continua a comer, os olhos fixos no prato. Pigarreio e continuo:

— Então, hmmm... Você já esteve na escola? O que eles estão fazendo por lá? Alguma ideia sobre quem ou o que estava por trás daquilo tudo?

— O garoto Smith e o pai dele estavam envolvidos — ele responde, repetindo o mesmo que todo mundo.

Quero corrigi-lo, dizer que Henri não era pai de John de verdade. Que ele era uma espécie de guardião que protegeu a mim, Sarah e os outros — que *morreu* fazendo isso. E que assisti à sua cerimônia de cremação, atrás de um hotel vagabundo ali perto.

Entretanto, até onde meu pai sabe, John Smith era só um cara calado que fazia algumas aulas comigo e eu estava bem longe da Paradise High na noite em que tudo aconteceu. Então, apenas pergunto:

— Mas como têm certeza de que foi ele?

— Eles têm certeza.

Meu pai soa meio rude, o que significa que ele não vai mais falar sobre o assunto.

— Quem quer mais pão? — vovó pergunta.

— É, mas que *prova* eles têm? — pergunto, me sentindo um pouco mal por ignorar minha avó. — Devem ter como provar, já que dizem para todo mundo que ele é o culpado.

Meu pai apoia o garfo no prato e olha para mim, do outro lado da mesa.

— Você sabe quem são “eles”, Mark?

— Ah, acho que sim. O FBI, por exemplo.

— E você já deve ter visto filmes suficientes para saber como o FBI funciona. E o que acontece com pessoas que ficam fazendo perguntas sobre investigações secretas. Não é?

— Claro — respondo. — Saco preto na cabeça, esse tipo de coisa.

— Não sei sobre o saco preto, mas a última coisa que quero é que meu filho arranje problemas por se meter onde não deve. Já é ruim o bastante que Sarah estivesse envolvida com o rapaz. A última coisa que quero é que você entre nessa história.

— Claro — respondo.

Ele pega o garfo e continua a comer, mas minha cabeça está em turbilhão. *Que Sarah estivesse envolvida com o rapaz.* Não é pelo fato de isso ser verdade que sinto um frio na barriga, é porque meu pai sabe. Reviro meu cérebro em busca do momento em que mencionei que Sarah e John estavam namorando, mesmo depois dos últimos acontecimentos, mas não consigo lembrar. Um cara que me deu uma surra e roubou minha namorada não é bem o tipo de assunto que eu discutiria com a família. Se meu pai sabe que Sarah

estava “envolvida” com John, é por causa da investigação. Isso significa dizer que o FBI e qualquer outro grupo que esteja investigando a Paradise também devem saber.

— Você recebeu outra carta da Universidade do Estado de Ohio — minha avó diz, enquanto tenta me forçar a comer mais um pouco de purê.

O bom de viver em uma cidade pequena é que, se sua casa pega fogo, o carteiro ainda consegue encontrar você.

— Leio depois.

— Assim como as outras cartas de universidades que você disse que ia ler? — meu pai pergunta. — Aquelas que estão empilhadas na sua escrivaninha? Fui olhar mais cedo. Metade ainda nem foi aberta!

— É só que... — começo a responder, mas ele não me dá chance.

— Meu Deus, Mark! Você sabe a sorte que tem? Sabe quantas pessoas matariam para serem disputadas pelas faculdades que nem você? Para receber até mesmo *metade* da bolsa que algumas delas estão oferecendo para você fazer o que gosta? Para jogar futebol americano? É muita ingratidão...

Ele continua o discurso, mas paro de prestar atenção. Quando me lembro de como o processo de inscrição nas universidades foi difícil e chato, me sinto um idiota. Na época, porém, a coisa mais importante na minha vida era lembrar se eu tinha enviado os históricos, cartas e recomendações direitinho. Agora sei que tenho coisas muito, muito maiores com que me preocupar.

Meu pai continua o sermão. Ele costuma ser um cara tranquilo e legal. Sempre presente quando preciso. A única coisa de que não gosta é de se sentir inútil. Quando alguém tira algo de suas mãos ou jurisdição e ele fica de fora. Aí fica ranzinza e vira um babaca em casa.

Acho que devo ter puxado a ele.

CAPÍTULO CINCO

Alex Davis me envia uma mensagem logo depois do jantar. Ele também joga futebol, é um ano mais novo que eu e fazia parte do meu grupo de amigos na Paradise High. Parece que os pais dele vão passar o fim de semana fora, e ele conseguiu arranjar alguns barris de cerveja. Todo mundo que a gente conhece vai para lá. “Sem fogueiras LOL”, ele brinca. Mando uma mensagem para Sarah perguntando se ela quer ir, mas a resposta é não, como já esperava. Só a convidei por convidar. Nenhum de nós está em clima de festa nos últimos tempos. Em qualquer sexta-feira à noite antes de os mogadorianos invadirem Paradise, eu estaria com meus amigos — talvez com Sarah — em uma festa na casa de alguém ou em uma clareira do bosque iluminada pelos nossos carros. Mas agora não vejo mais sentido nisso. Uma *guerra alienígena* pode começar a qualquer momento, bem aqui. Quando isso acontecer, não quero estar me recuperando de ter plantado bananeira três vezes em cima de um barril de cerveja.

No começo, meus amigos — colegas de time — me perturbaram bastante pela minha recente falta de vida social. Então eu disse a uma amiga de Sarah, Emily, que me sentia pouco à vontade em festas desde o incêndio na minha casa. Não é bem verdade, mas Emily é meio fofoqueira e pouco depois todo mundo parou de me incomodar por não sair mais. Ou, pelo menos, quase todo mundo.

Respondo a Alex que não estou a fim, e ele me chama de viadinho. Por um minuto, penso que talvez eu devesse ir lá chutar a bunda dele e lembrar qual de nós dois era o melhor jogador do time, mas só coloco o celular no silencioso e vou para o segundo andar.

Meu quarto é o escritório que meu avô costumava usar antes de morrer. Bem, pelo menos todo mundo chamava de escritório. Na verdade, é só um quarto vago onde minha avó guardava todos os livros de história, parafernália da Marinha e outras coisas dele. Mas tem uma escrivaninha e um sofá-cama, que é tudo de que preciso.

A primeira coisa que faço ao sentar à escrivaninha é acessar o blog que comecei a seguir, Alienígenas Anônimos. Fui parar nele por acaso, logo nos primeiros dias depois da batalha na escola, e, apesar do nome idiota, é bem interessante. Um dos autores — um cara que usa o nome GUARDA — postou uma matéria do jornal local e escreveu um monte de coisas sobre como a destruição da escola pode estar encobrindo uma atividade alienígena. No começo, pensei que GUARDA fosse daqui, mas o incidente em Paradise foi apenas um dos muitos eventos que ele relacionou a alienígenas. Pelo menos nesse caso o palpite estava certo. Ele até adivinhou que “John Smith”, visto por todos como o culpado pelo incidente, não era deste mundo.

Nos arquivos do blog, encontrei algumas histórias que pareciam ter relação com loriens ou mogadorianos. O site é composto quase exclusivamente de posts que parecem saídos de uma daquelas revistas conspiratórias tipo *Elvis não morreu!*, mas alguns parecem verdadeiros — ou pelo menos poderiam ser verdadeiros, pela minha experiência. Eu sabia que poderia ajudar o blog contando um pouco do que sei, e assim eles me ajudariam a procurar pistas sobre o paradeiro de John, Sam e da Garota Invisível.

Então, depois de ler o blog por um tempo, entrei em contato com GUARDA, disse que era de Paradise e que achava que ele poderia ter razão. Recebi alguns e-mails esquisitos cheios de instruções que me fizeram pensar que estava lidando com algum lunático que usa chapéu de papel-alumínio — guias para ocultar meu IP, senhas para seções restritas do blog, regras de quando e como entrar em contato com ele —, mas, depois de um tempo, começamos a nos

conhecer melhor. E acho que passei a confiar nele, já que logo contei o que havia acontecido na escola naquela noite.

Mas GUARDA não sabe *tudo*. Já vi notícias suficientes para saber que é preciso duvidar da identidade de qualquer pessoa na internet, ainda mais agora que sei que os mogadorianos fariam qualquer coisa para encontrar John e os outros. Eu não disse meu nome nem nada do tipo. Apenas que vi coisas que me fizeram acreditar mesmo naquilo. No blog, uso o nome JOLLYROGER182. Tirei a ideia das bandeiras com caveiras e ossos cruzados dos jogos de futebol americano dos Paradise Pirates, além de algumas coisas velhas da Marinha que meu avô guardava emolduradas no quarto de cima. Ele era parte da brigada 182. Eu me pergunto o que diria se eu lhe contasse que estava me preparando para talvez um dia lutar em defesa da Terra.

Há alguns outros caras além de mim que sempre comentam no blog, e nos chamamos de "editores". Costuma levar um tempo para receber o título, mas devo ter convencido GUARDA de que eu falava sério, porque ele me deu acesso a todas as seções bem depressa. Os outros são legais, mas GUARDA é o líder do grupo e o que leva tudo mais a sério.

Fico feliz em encontrá-lo on-line. Começamos a conversar na mesma hora.

JOLLYROGER182: e ai blz?

JOLLYROGER182: ta sabendo de alguma 9dade?

GUARDA: Oi, JR. Ainda estou tentando entender aquela coisa no TN.

GUARDA tem certeza de que uma tempestade no Tennessee foi causada por um dos poderes lóricos, mas não estamos conseguindo provas. Tudo começou com um policial que tinha bebido uísque demais e começou a gritar para todos no bar que alguns garotos mágicos com o poder de controlar tempestades estavam destruindo

o estado, e a história foi parar no jornal local. Liguei fingindo ser da polícia de Paradise para tentar falar com o policial, mas fui informado de que o sujeito tinha sido transferido para outro condado e que não era possível entrar em contato com ele. Tive a leve suspeita de que aquela era a versão do FBI para a mentira do tipo “mandaram o cachorro para a fazenda”, o que deve ser a maior prova de que a história tem a ver com John e os outros.

JOLLYROGER182: vc quer q eu pesquise mais? posso ligar de novo

GUARDA: Não. Olha só isso. Parece familiar?

Ele me manda um link para um post de algum diário virtual. Pertence a uma garota chamada Meredith, que mora em Miami. Começa bem triste — seus pais acham que ela está usando drogas e, por isso, ela entra e sai de clínicas de reabilitação —, e não consigo entender o interesse de GUARDA naquilo. Então, alguns parágrafos adiante, chego ao ponto: os pais dela desconfiam de uso de drogas porque ela viu um cara em Miami usar o que chama de “poderes mentais” para jogar o namorado dela contra a parede de um café e mantê-lo suspenso a alguns centímetros do chão.

A janela do bate-papo pisca enquanto ainda não terminei de ler.

GUARDA: O que você acha? Telecinesia?

GUARDA: Será que é o seu amigo? A data de postagem é de ontem, mas ela não fala quando aconteceu.

GUARDA: Mandei um e-mail pedindo mais informações, mas ela ainda não respondeu.

JOLLYROGER182: perai

Por sorte, a garota listou as clínicas onde os pais a internaram e deu seu nome completo. Não é muito inteligente publicar esse tipo

de informação na internet, mas para mim foi ótimo. Procuro informações sobre o hospital e ligo para a recepção.

— Olá — digo quando uma mulher atende. — Estou tentando entrar em contato com Meredith Harris.

— Só um momento — a mulher responde. Dá para ouvir o barulho das teclas ao fundo, antes da voz retornar. — Ah, desculpe, senhor, mas a Srta. Harris recebeu alta há alguns dias.

— Ah, hmmm... — digo, tentando formular a próxima pergunta. Percebo que devia ter pensado melhor no que dizer antes de ligar, mas pensar antes de agir não é muito meu estilo. Sou impulsivo.

— Ah, não pode ser — continuo. No meu computador, vejo a data do post, então tenho uma ideia. *Vai ser mais fácil descobrir se era John quem estava em Miami se eu souber quando essa garota foi para a clínica pela primeira vez.* — Talvez eu tenha o número errado. Quando essa Meredith Harris deu entrada aí?

— Bem... — a mulher começa a responder.

Dá para ver que ela está hesitante em me dar qualquer outra informação.

— Por favor, senhora, é minha irmã. Só quero ter certeza de que sei onde ela está.

Devo ter conseguido parecer bastante triste, porque ela me informa a data. E, por ela, descubro que Meredith Harris foi internada na mesma época em que eu estava tentando acabar com John na corrida de carroças.

Agradeço à mulher do outro lado da linha e volto a falar com GUARDA.

JOLLYROGER182: sem sorte. liguei pro hospital. a garota deu entrada quando John Smith ainda tava aqui

GUARDA: Talvez o incidente tenha ocorrido antes de ele ir para Paradise?

JOLLYROGER182: nao, acho que os poderes dele soh surgiram depois que ele chegou

Pelo menos foi isso que John contou à Sarah. Durante nossas conversas sobre os loriens e os mogadorianos, acabei descobrindo tudo o que ele contou a ela sobre si mesmo.

GUARDA: Ah. Ok. Deve ser outro loriene então.

JOLLYROGER182: deve ser um bem idiota pedindo pra virar comida de mog

GUARDA: Tanta coisa acontecendo ultimamente. Muitas atividades suspeitas.

GUARDA: Tenho a sensação de que o clímax vai chegar em breve. Você não?

Odeio ter que concordar com ele.

Passo mais um tempo na internet antes de ir dormir. Forcei demais a vista e sinto que vem aí uma dor de cabeça. Deito na cama e penso na mesma cena que já passou pela minha mente um milhão de vezes desde que toda essa confusão começou. Não é sequer um dos momentos mais bizarros, como quando um maldito monstro lagarto nos atacou, ou quando o cachorro de John se transformou em uma espécie de dragão. Ou quando os alienígenas do mal se transformaram em *cinzas* depois de serem apunhalados. É uma lembrança de quando eu estava na casa de John.

Foi quando descobri que alienígenas existiam.

Tinha ido à casa dele perguntar sobre o vídeo, aquele vídeo idiota que alguém filmou com o celular, em que aparece John saindo da minha casa em chamas voando que nem o super-homem, com Sarah e os cachorros nos braços. Acabei no meio de uma briga entre ele e o cara que eu pensava ser pai dele, Henri. E então coisas bizarras começaram a acontecer. Henri parou de se mexer, como se tivesse sido congelado, o que agora sei que era John usando seu poder de telecinesia. Eles estavam falando sobre Sarah estar em apuros, então John sumiu. Saiu correndo, acho, até a escola.

Depois que ele saiu, Henri conseguiu se mexer de novo. Eu estava muito irritado porque ninguém respondia às minhas perguntas, mas não pude deixar de sentir pena do sujeito. Ele parecia prestes a desmoronar, de todas as formas possíveis. Eu continuava fazendo perguntas, mas Henri me ignorava. Foi para outro cômodo. Quando voltou, trazia uma espingarda e uma caixa fechada com um monte de símbolos estranhos. Dava para ver que ele estava em algum tipo de missão quando foi para sua caminhonete. Mas eu fui mais rápido. Cheguei antes dele e me sentei no banco do carona. Precisava saber o que estava acontecendo. Ainda mais se Sarah estava envolvida.

— Não tenho tempo para você — Henri disse, pulando no banco do motorista. — Para fora!

O que eu devia fazer? Como deveria reagir?

— Se Sarah está em perigo, pode me levar até ela — retruquei. — Não importa o que aconteça.

E eu estava falando sério. De repente, isso era a única coisa que importava.

Henri me encarou por um longo tempo antes de dar partida no motor. Quando saímos da garagem, ele jogou o baú trancado no meu colo.

— O que é isso? — perguntei.

Henri só sacudiu a cabeça.

— Garoto, você tem muito a aprender nos próximos cinco minutos.

E então tudo deu errado.

Deitado no sofá-cama na casa da vovó, penso naquele momento e me pergunto por que entrei na caminhonete, para início de conversa. Não sei, de verdade. Pensando melhor, deveria ter ligado para meu pai. Ou ter deixado Henri ir sozinho. Ou um sem-fim de opções que não teriam me colocado na mira dos mogadorianos. Mas alguma coisa me dizia que eu precisava ir com ele. E fico feliz por ter ido. Quer dizer, eu salvei a vida de John naquela noite, e provavelmente a de Sarah também.

Mas uma pequena parte de mim gostaria que eu nunca tivesse entrado naquela caminhonete. Que Henri não tivesse me contado sobre a guerra para a qual nós estávamos caminhando, uma batalha entre duas raças alienígenas bem aqui, na Terra.

Parte de mim gostaria que eu tivesse ido embora. Minha vida seria muito mais simples.

CAPÍTULO SEIS

Na manhã seguinte, percebo que preciso contar à Sarah que o FBI e a polícia sabem sobre ela e John. Já imaginávamos, mas qualquer informação concreta que encontrarmos pode nos ajudar a ter uma ideia melhor do que está acontecendo. Além disso, quero contar a ela sobre as pesquisas que tenho feito com GUARDA. Até agora, só comentei sobre o Alienígenas Anônimos por alto, mencionando alguns artigos que encontrei on-line, mas sem explicar que agora sou parte de um blog supernerd sobre conspirações alienígenas. Talvez hoje seja o dia de contar.

Sarah topa me encontrar para almoçar e, quando chego à pizzaria na praça do centro, ela já está lá.

— Oi — digo, sentando no sofá oposto ao dela. Sarah me encara com preocupação, olhando para os lados, nervosa. Fico confuso. — Se você não quer pizza, podemos ir para algum outro lugar.

— Não — ela diz, dando um sorriso forçado —, só estou tendo um dia meio esquisito.

— Como assim?

— Por acaso tem uma ruiva de terno preto sentada atrás de mim?

— Sarah sussurra.

Franzo a testa, confuso, depois olho por cima do ombro dela. E, realmente, tem uma ruiva vestida de preto sentada sozinha a algumas mesas de distância, tomando um café e lendo alguma coisa no tablet.

— Sim, e daí?

Sarah solta um longo suspiro, sacudindo a cabeça.

— Eu e meus pais saímos para jantar ontem à noite e ela estava lá. Saí para correr hoje de manhã e ela passou por mim quatro vezes de carro. Agora ela está aqui.

— Merda — murmuro. — Bem, é isso que eu tinha para contar.

— Como assim?

Ela se endireita no sofá, preocupada.

— É que meu pai mencionou que o FBI sabe que você tinha alguma ligação com o John. Não pensei que eles tivessem mandado alguém *seguir* você.

— Droga — ela diz.

Ficamos sentados sem dizer nada por alguns momentos, pensando no que fazer. O silêncio é quebrado quando a garçonete vem nos atender.

— Oi, Mark — a mulher cumprimenta, com a voz doce. Já comi pizza aqui o suficiente para entrar no hall da fama do lugar. Ela me conhece bem. — O que vai querer?

— Oi. Hmmm... Bem, vamos querer uma pizza média, meia pepperoni com bacon e meia vegetariana. — Nosso pedido de sempre. — E vou beber refrigerante.

A garçonete sorri para mim, então se vira para Sarah. Olha para ela com desprezo, de um jeito que deixa óbvio que quer que Sarah perceba.

— Quer alguma coisa? — ela pergunta, em um tom de voz cortante.

Esta é a vida de Sarah agora: ela é a namorada do homem-bomba maluco. Quero armar um barraco, mas me seguro porque, pelo que parece, já estamos chamando atenção o bastante. Sarah se vira para a garçonete e a encara com uma expressão que conheço bem. Já recebi aquele olhar por diversas vezes, é do tipo que faz você pensar que sua cara vai derreter.

— Um refrigerante zero, senhora — Sarah responde, enfatizando a última palavra.

A garçonete revira os olhos e se afasta. Sarah suspira.

— Tem cada um... — digo.

— Não é *um*, são *todos*. Quer dizer, metade da cidade acha que eu sou uma maria-terrorista. Mesmo que não falem nada na minha cara, você devia ver os olhares que recebo. E isso sem contar as pessoas que estão me seguindo.

— Certo, e o que faremos agora? Vamos fugir e tentar encontrar John e os outros? Topo ir, se você for. Posso até dirigir.

Não tenho nenhuma vontade de sair às cegas procurando os lorienos, mas, se Sarah quiser ir, não vou deixá-la sozinha. E, tenho que admitir, a ideia de viajar de carro com Sarah é interessante, *mesmo* que seja para resgatar o namorado alienígena dela.

— E como poderíamos encontrá-los? — ela pergunta.

— Na verdade — começo, baixando a voz —, eu tenho pesquisado um pouco essa... Bem, você sabe. Isso tudo. Tem outras pessoas que sabem sobre isso. Gente como Sam, que para a gente era só meio maluco. Tenho conversado com algumas delas, e a gente acha que talvez tenha descoberto um pouco mais sobre o que está acontecendo.

— Como assim? — Sarah pergunta, apurando-se. — Que tipo de coisa?

— Bem, agora que já vi John e Seis em ação, acho que sei o que procurar. Tem uma garota em Miami que viu o namorado ser erguido no ar por telecinesia. Não foi John, mas pode ter sido alguém como ele. Talvez alguém que esteja em contato com ele. E um dos outros blogueiros está de olho em um cara da Índia que algumas pessoas de lá acham que é um deus.

— Tá, mas como você sabe que esses blogueiros ou que essas pessoas sobre quem eles estão escrevendo não são só um monte de malucos?

— Bem, alguns dias depois de John e os outros saírem de Paradise, um policial no Tennessee parou alguns adolescentes dirigindo um carro suspeito. Mas, antes que ele pudesse prender os garotos, uma espécie de vento sobrenatural praticamente varreu o

cara do caminho. — Sarah ergue as sobrancelhas, com um leve brilho de esperança nos olhos. — Soa familiar?

— Seis.

— Foi o que pensei.

Ela sorri, mas o sorriso só dura alguns instantes até entender a situação.

— Eles podem estar em qualquer lugar agora — diz.

— É.

— Então não temos onde começar a busca.

Paramos de falar quando a garçonete volta e coloca minha bebida na minha frente, depois bate a de Sarah na mesa, derramando um pouco, e sai sem dizer nada.

— Podemos ir de qualquer jeito — sugiro, tentando não soar tão animado com a ideia de passar todo aquele tempo sozinho com ela.

— Fugir desta cidadezinha e deixar que tudo exploda.

Sarah dá um sorrisinho e balança a cabeça em negativa.

— Tem a minha família... — começa, mas percebo que para ela passei do limite e estou soando muito como um ex-namorado tentando deixar de ser ex. — Além disso, se John voltar procurando por mim, vai ficar chateado se eu não estiver aqui.

— Ele seria um *idiota* se voltasse para Paradise — murmuro. As palavras saem antes que eu consiga impedir, então tento explicar. — Quer dizer, com toda essa gente de terno preto por aqui.

Como se aquilo fosse sua deixa, a ruiva se levanta e anda na nossa direção. Ela se senta no sofá, ao lado de Sarah. Antes que eu consiga reagir, outra pessoa de terno preto se senta ao meu lado. É um homem que parece ter quase trinta anos, com pele morena e cabelo preto cortado rente.

Estamos encurralados.

— O que...? — começo.

— Você é Mark James — a ruiva diz. — O filho do xerife. E você é Sarah Hart.

— O que você...? — Sarah tenta falar.

— Sou a agente Walker, do FBI, e esse é meu parceiro, agente Noto. Espero que não se incomodem se sentarmos com vocês aqui.

— A gente se incomoda — respondo, estreitando os olhos.

Agente Walker sorri. Agente Noto ainda não disse uma palavra nem fez qualquer coisa além de olhar para mim e para Sarah. Eu me pergunto a que distância ele estava antes de se sentar conosco. Será que me ouviu falando sobre o blog? Será que sabe do que estávamos falando?

— Só estamos tentando entender o que aconteceu com John Smith aqui na cidade. Como vocês já devem saber, ele é um de nossos procurados. Há recompensas incrivelmente generosas para qualquer informação sobre seu paradeiro. — Ela se vira para mim. — Sinto muito pelo que aconteceu com sua casa, aliás. Mas tenho certeza de que o dinheiro da recompensa vai ajudar bastante na reforma.

Aquela mulher estava *mesmo* tentando me subornar para falar sobre John?

— Afinal de contas, fiquei sabendo que o incêndio começou durante uma festa sua — ela continua. — Tenho certeza de que você deve estar pensando em uma forma de compensar seus pais, depois de algo assim.

Meu queixo cai um pouquinho, e sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

— Você tem me vigiado — Sarah diz, mudando de assunto. — Eu já vi você.

— É claro que você já me viu — a mulher responde. — Queríamos que você percebesse que estamos aqui, mantendo a cidade segura.

— Você está me seguindo — Sarah continua, cerrando um pouco os dentes.

— Estou apenas fazendo meu trabalho, garantindo que todas as pistas sejam seguidas.

— E você acha que Sarah é uma pista? — pergunto.

— Achemos que você sabe muito mais do que imagina sobre John Smith. — Walker não tira os olhos de Sarah. — Você estava saindo com ele. Deve ter alguma informação relevante para a investigação. Algo que possa nos ajudar a entender o que aconteceu na sua escola.

— Eu mal o conhecia — Sarah responde, olhando para a mesa. — Não estávamos saindo.

— Vimos um vídeo em que ele parecia ter saído voando da sua casa em chamas. — A mulher se vira para mim. Depois olha para Sarah. — Ele estava carregando você.

Sarah sorri.

— É incrível o que se pode fazer com câmeras e algumas horas de edição no computador, não é? — ela comenta.

— Sam era bom nessas coisas nas apresentações da escola — acrescento. — Ele deve ter feito o vídeo.

Sarah me chuta por baixo da mesa. Não consigo entender por que até a agente se virar para mim e sorrir.

— Samuel Goode. A mãe, Patricia Goode, é enfermeira. O pai é Malcolm Goode, um... — Ela faz uma pausa, antes de esboçar um sorriso. — O atual paradeiro dele é desconhecido. Sam também não aparece em casa desde aquela noite. A mãe está morrendo de preocupação. Seria legal se ela tivesse alguma garantia de que o filho está vivo.

— Sam é... — Sarah começa a dizer, mas hesita.

Reconheço aquela expressão. Ela está tentando ligar os pontos, planejando o que vai dizer com cuidado.

Pensar com cuidado no que dizer nunca foi meu forte.

— Sam Goode é um maluco que acredita em teorias da conspiração — digo, me recostando no sofá. — Aquele mané usa a mesma blusa da Nasa todos os dias. Você precisa ouvir o tipo de coisa que ele fala. Alienígenas. Os Illuminati. Na minha opinião, acho que é o jeito dele de chamar atenção, já que todos só reparam em mim e nos meus colegas de time. Sam finalmente deve ter se

cansado disso e fugido, usando o que aconteceu na escola como desculpa. Ele é inteligente, mas também é um banana. Pode acreditar: não consegue se virar em uma luta. Não serve para ser terrorista. Se você quer saber, acho que ele deve estar caçando o Pé-Grande em alguma floresta. Pelo menos é onde eu o procuraria.

Tomo um gole de refrigerante e olho para Sarah, que está me encarando com uma mistura de nojo e confusão. Dou um chutinho nela, por baixo da mesa, e ela sorri.

Decido arriscar e me inclino para a frente para segurar as mãos de Sarah. São macias e estão um pouco trêmulas. Preciso segurar forte para impedi-la de puxá-las.

— Não é mesmo, gatinha? — pergunto, abrindo o maior sorriso que consigo.

— Acho que sim — ela murmura.

— Bem, isso é bastante *esclarecedor*, Sr. James — agente Walker comenta.

— Acho que quero ir embora agora — Sarah diz, inclinando-se na direção de Walker.

A mulher não se move.

— Mas você ainda não comeu — ela diz.

Até onde eu sei, o agente Noto ainda nem respirou.

— Não estou com fome — Sarah responde.

— Por que não conversamos mais um pouco?

— Vocês estão nos acusando de alguma coisa? — pergunto.

— Do que nós poderíamos acusá-lo? — Walker retruca, com um sorriso um pouco forçado demais.

— Nada. — Dou de ombros. — Só sei que você não pode nos segurar aqui a não ser que vá nos prender ou algo do tipo. É assim que a lei funciona, segundo meu pai.

Walker dá algumas risadinhas, que parecem dizer: “Que gracinha você pensar que é assim que as coisas funcionam por aqui.” Mesmo assim, ela se levanta do sofá. Agente Noto a segue.

— Se vocês por acaso se lembrarem de alguma coisa — Walker diz, puxando um cartão do bolso do terninho e estendendo para Sarah —, falem com a gente. Manteremos contato.

Em um instante, Sarah se levanta e vai para a porta. Eu levo mais tempo para sair, e Walker fica no meu caminho quando me levanto.

— Aquela garota é problema — ela adverte, ainda segurando o cartão. — Não deixe que ela arraste você junto.

Nós nos encaramos por um momento. Os olhos dela são brilhantes e intensos. Por fim, pego o cartão e guardo no bolso, depois passo por ela. No caminho, encontro a garçonete com a pizza fumegante.

— Ei, aonde estão indo? — ela pergunta, claramente irritada.

Dou de ombros e aponto para agente Walker.

— A ruiva vai cuidar da conta — respondo.

Então vou embora.

CAPÍTULO SETE

Sarah espera por mim na calçada, um pouco mais adiante. Quando me aproximo, ela começa a andar rápido e preciso correr para alcançá-la.

— O que foi aquilo? — pergunta.

— Você vai ter que ser um pouco mais específica — respondo.

— Aquilo sobre Sam, pra início de conversa.

— Eu só estava tentando corrigir a besteira que fiz, caso eles não tivessem pensado ainda que Sam está com John depois de eu ter mencionado o nome dele, estupidamente. Tentando despistar.

— Certo. E quanto a segurar a minha mão? O que foi aquilo?

Paro e me viro para ela. Estamos na esquina. O vento bagunça seu cabelo, jogando-o sobre o rosto, e ela parece à beira das lágrimas. Não tenho dúvidas de que os agentes ainda estão nos observando, então dou um passo para o lado para garantir que eles não vejam o rosto dela de dentro da pizzeria.

— Sarah, se eles pensarem que você é a namorada dele, vão continuar vigiando você — explico, com delicadeza. — Você sabe disso. Só estava tentando tirar os caras da *sua* cola também.

— Posso me proteger sozinha — ela retruca.

— Eu sei. Mas não deveria ter que fazer isso. John não devia ter...

— Eu sei — ela me corta depressa. — Acredite, eu sei. Tenho plena consciência de como a situação é ruim. Toda ela. E, se houvesse algum jeito de consertar tudo, eu consertaria. Quase *desejo* que John fosse preso, porque aí pelo menos eu saberia onde ele está e que está seguro.

O vento assobia enquanto ficamos ali parados, em silêncio. Quero abraçá-la — tocá-la de alguma forma — e preciso reunir bastante força de vontade para me lembrar de que, se eu assustá-la, perderei a única pessoa com quem me importo, a única pessoa com quem posso falar sobre tudo o que está acontecendo. Além de um bando de pessoas aleatórias na internet, que devem ser uns velhos morando no porão da mãe e sobrevivendo a base de cafeína e salgadinhos.

Além disso, já a pressionei o máximo que podia hoje.

— Sam não acredita no Pé-Grande — Sarah diz, por fim, com um sorriso fraco. — Já conversamos sobre isso. Nada de caça ao Pé-Grande para ele.

— A essa altura, não sei mais nem se *eu* não acredito no Pé-Grande — respondo.

Aquilo faz ela rir um pouco, o que me faz sorrir.

— Não sei. Acho que vou confiar em Sam nessa. Ele estava bem mais à frente do que a gente com essa história de alienígenas. Deve saber mais sobre a história de John do que o próprio John.

Isso é verdade. É algo que guardo para pensar no futuro. O que Sam sabia? Como conseguiu descobrir? E será que deixou algum registro?

— Preciso sair daqui — Sarah continua.

— Tá. Para onde você quer ir?

Ela sacode a cabeça.

— Só preciso ficar um pouco sozinha — responde, procurando as chaves na bolsa.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — pergunto. — Posso ir para a sua casa, se quiser. Ou podemos ir para algum lugar público, onde ninguém consiga encontrar você.

— Obrigada, mas vou ficar bem. Além disso, meus irmãos estão em casa neste fim de semana, e não tem nada de que eles gostem mais do que fingir que são durões e proteger a irmãzinha. A gente se fala mais tarde, está bem?

— Beleza — respondo.

Vejo-a se afastar e espero para garantir de que chegou bem ao carro. Quando ela já avançou um pouco na rua, volto a pensar e começo a ligar as coisas estranhas que aconteceram na pizzeria. Agente Noto estava sentado atrás de mim.

Será que isso significa que também estou sendo seguido?

Ando um pouco pelo minúsculo centro da cidade. Não só para organizar as ideias, mas também para me manter atento e ver se tem alguém me vigiando enquanto finge ler uma revista ou algo assim. Mas não tem ninguém. Pelo menos ninguém que eu possa ver.

O cartão que agente Walker me deu não tem nenhuma informação. Está em branco, a não ser por um número de telefone que cai na caixa postal quando ligo do único orelhão que conheço em Paradise. Não deixo mensagem. Em vez disso, entro no Alienígenas Anônimos pelo celular e mando uma mensagem para GUARDA, dizendo que tive um encontro muito estranho com o FBI e passo o número de contato que me deram. GUARDA é bom com computadores e tal, então talvez consiga descobrir alguma coisa nova.

Quando estou voltando para a caminhonete, encontro Kevin, que joga na linha ofensiva do time. Ele é gigantesco, com tufo de pelo vermelho no rosto que quase parecem formar uma barba de verdade. Quase. Alguns dos jogadores mais novos estão com ele, mas andam mais afastados, deixando-o na liderança. Por um momento, eu me pergunto se era assim que parecia quando andava por aí com minha turma.

— Caaaaaara — ele diz quando me vê. Nós nos cumprimentamos com uma série de apertos de mão elaborados. — Estávamos indo comer uns hambúrgueres e vimos você e Sarah ali na esquina. Parecia bem intenso. O que está rolando entre vocês, está tentando conquistar Sarah de novo, agora que o homem-bomba deu o fora?

Sinto minhas entranhas queimarem e meu rosto fica vermelho de raiva.

— Olha, cara — um dos sujeitos mais novos diz. — Ele está corando!

— Não fale desse jeito da Sarah — digo, entre dentes.

O grupo todo faz um “Ooooooooooh” como se fosse uma plateia de auditório.

— Foi mal, cara. Não sabia que vocês estavam juntos de novo.

— Não estamos — respondo, tentando sorrir. — Mas estou tentando.

— Deve ser difícil pegar as sobras de um terrorista — Kevin diz, com um risinho. — Faz a gente pensar no que ela viu em um cara daqueles.

Eu me movo sem pensar. De repente, estou segurando Kevin contra uma parede de tijolos, apertando seus braços cobertos pela jaqueta do time. Ele pode ser gigante, mas sou rápido e, depois de anos de treinamento e levantamento de peso, não sou exatamente um peso-pena.

Parece que uma das veias da minha cabeça vai explodir. Faz tempo desde a minha última briga de *verdade*. Desde que os mogadorianos invadiram a escola. E, mesmo assim, passei metade do tempo escondido em uma sala de aula com Sarah. Parte de mim queria descontar aquilo tudo em Kevin, bater nele até me sentir melhor em relação a tudo o que está acontecendo. Mas resisto. Ele pode ser um babaca, mas, mesmo que tudo tenha mudado para mim, continua a mesma coisa para ele.

A expressão de Kevin vai de surpresa a medo e depois a outra coisa, um pouco mais amigável. Algo como reconhecimento.

— Olha só, pessoal — ele diz, virando para os outros, que esperavam instruções. — Mark James VOLTOU.

Minha pulsação desacelera um pouco, e de repente me sinto meio tonto. Sorrio.

— Foi John Smith quem pegou *as minhas* sobras — digo. — Só estou pegando de volta o que já era meu.

Eles riem e zombam.

— É o Mark James, rapaz! — grita alguém um pouco alto demais, e recebemos olhares de reprovação dos transeuntes.

— Estamos indo para a casa do Alex acabar com a cerveja antes que estrague. Vem também? — Kevin pergunta.

— Claro, cara — respondo, sem pensar. É uma sensação surpreendentemente boa estar no meio dos caras outra vez.

Então sinto uma vibração no meu bolso.

— Daqui a pouquinho — digo. — Avise o Alex que passo lá mais tarde.

— Beleza — Kevin responde, e, depois de outra série de apertos de mão elaborados, eles vão embora.

Pego meu telefone. Tem uma mensagem de GUARDA.

Já ouviu falar no agente Purdy?

CAPÍTULO OITO

Passo o resto da tarde em casa, no computador, conversando com os outros editores do blog. Os teóricos da conspiração devem ter bastante tempo livre nas tardes de sábado, porque GUARDA e um cara chamado PILOTO estão on-line e querem conversar. PILOTO parece legal, mas é bastante cético quanto às coisas que GUARDA e eu debatemos. O que acredito que seja bom. Às vezes precisamos de uma pessoa racional para nos impedir de viajar demais.

GUARDA ligou para o número que agente Walker me deu e também caiu na caixa postal. Ele não deixou mensagem. Alguns minutos depois, seu telefone tocou — apesar de ele ter bloqueado o número. GUARDA atendeu, porque não é o tipo de cara que desperdiça uma chance dessas. A pessoa do outro lado da linha ficava perguntando como ele tinha conseguido o número, mas GUARDA manteve a calma, dizendo que sabia o que estava acontecendo em Paradise e exigiu falar com quem estivesse no comando.

Por fim, foi colocado na linha com um cara do FBI chamado Purdy.

De acordo com GUARDA, Purdy era um cara durão que parecia bem irritado e ansioso para desligar, até que GUARDA falou que sabia dos mogadorianos. Aquilo, aparentemente, chamou a atenção de Purdy. Só que GUARDA não queria falar mais nada, e Purdy não dava nenhuma informação sobre o que o FBI sabia ou não.

PILOTO disse que aquilo não significava nada, mas discordo. Se Purdy trabalha para o FBI e entendeu o que GUARDA estava falando, isso prova que o FBI sabe o que *realmente* aconteceu por aqui.

A pergunta é quanto eles sabem. E quem estão tentando ajudar.

Conversamos por algumas horas enquanto tentamos descobrir informações sobre esse tal de Purdy, mas só encontramos a foto de um homem com cara de porco ao fundo de alguma cerimônia do governo. Não é muito. Não é *nada*.

Meu celular vibra o tempo inteiro com mensagens dos caras do time na casa de Alex. A cada hora que passa, aparecem mais erros de digitação. Por fim, cedo e vou para lá, já que meu cérebro está tão cheio de conspirações do governo e meias conclusões que parece prestes a explodir. Quando digo ao meu pai que vou para a casa de Alex encontrar o pessoal, ele abre um enorme sorriso.

— É bom ver você saindo de casa e agindo como um adolescente outra vez — diz. — Pensei que tinha virado antissocial.

Dou de ombros e forço uma risada, então vou embora antes que a conversa se aprofunde. Estou quase na porta quando ele grita.

— Minha caminhonete está estacionada atrás da sua. Vá com ela, se não se importar. — Ele joga as chaves.

— Claro — respondo.

A caminhonete do meu pai — ou melhor, a coisa que ele gosta de dirigir quando está de folga e cansado da viatura da polícia — é pequena, sem espaço para passageiros. É quase uma lata velha, mas não vou para muito longe.

Fico atento para verificar se algum carro está me seguindo, mas não vejo ninguém. Além disso, só uso as ruas secundárias da casa da minha avó até a de Alex, o que é o máximo de clandestinidade a que se pode chegar em Paradise.

Penso em ligar para Sarah e ver se ela quer ir, mas sei que a resposta vai ser não. Ainda mais agora, que o FIB está na cola dela. (Será que o FBI se daria ao trabalho de flagrar um bando de menores de idade bebendo?) Além disso, conheço os caras o bastante para saber que eles vão começar a falar de nós dois, ou de Sarah e John, e a última coisa que ela precisa é ser atormentada por um bando de jogadores de futebol americano bêbados.

Como esperado, todo mundo na casa do Alex está mais para lá do que para cá. Metade do time está aqui, e, por um tempo, parece que essa poderia ser qualquer noite de sábado dos últimos anos. Ainda assim, passo minhas poucas horas ali bebericando a mesma cerveja quente, só para o caso de precisar estar atento. Ninguém parece notar que eu nunca preciso de outra bebida, basta ter um dos copos plásticos vermelhos na mão e fingir tomar um gole de vez em quando.

Quando começa a ficar tarde, saio de fininho e vou para a caminhonete do meu pai. Nem me despeço, amanhã de manhã ninguém vai lembrar a hora que eu fui embora, só vou receber algumas mensagens comentando sobre a ressaca e perguntando se cheguei bem em casa. Estou prestes a dar partida na caminhonete quando percebo que tem algumas chaves extras no chaveiro do meu pai. Uma da nossa antiga casa, outra da casa da minha avó e mais algumas, com cobertura de borracha: as chaves da delegacia.

Os pelos da minha nuca se arrepiam quando considero a possibilidade que se abre à minha frente.

Pelo que meu pai me contou, o FBI praticamente montou uma base na escola. O que significa que, àquela hora da noite, há apenas alguns policiais na delegacia. Talvez alguns agentes. Mas conheço bem o lugar. Se eu fosse para lá, conseguiria dar um jeito de passar despercebido pela recepção e chegar à sala do meu pai, onde deve haver vários arquivos. Mesmo que o FBI tenha assumido a investigação, deve haver alguns relatórios preliminares na delegacia, qualquer coisa que meu pai e os policiais tenham visto quando chegaram à cena naquela noite.

Se eu pegar esses relatórios, talvez possa descobrir mais sobre a investigação.

Ligo o carro e parto para a delegacia antes que mude de ideia.

CAPÍTULO NOVE

Todd é o único guarda em serviço. Fico pensando que sou o cara mais sortudo do mundo, mas ele revira os olhos e dá um suspiro longo e cansado quando entro.

— Vá pra casa, Mark — ele diz, meio grosso.

— Todd, cara, o que está fazendo aqui sozinho?

— Alguém mencionou que eu estava conversando com civis em serviço ontem, e fui transferido para o turno do corujão.

— Ah... — comento. *Ops.*

— Além disso, um curto-circuito provocou um incêndio do outro lado da cidade, e todo mundo foi correndo pra lá. — Ele inspira e franze um pouco o nariz. — Nossa, você está exalando álcool.

Não fico surpreso. A casa de Alex cheirava a cerveja barata. Ainda assim, esse incêndio é uma ótima notícia para mim.

— Acabei de sair de uma festa — digo, dando de ombros. — Alguém deve ter derrubado bebida em mim. Você sabe como é. Já me contou sobre as grandes farras que aprontava quando estava no time.

Todd dá um sorriso largo e começa a contar uma história que já ouvi umas cem vezes, sobre como ele bebeu todo o carregamento de bebida do time debaixo da mesa, na festa que deu na floresta em seu aniversário de dezoito anos. Sorrio e assinto com a cabeça, dizendo a mim mesmo que não vou ser como ele quando ficar mais velho. Isso se os humanos não tiverem sido escravizados pelos alienígenas ou algo do tipo até lá.

Ele finalmente termina a história.

— Cara, deve ter sido sinistro — digo, forçando um sorriso. — Que inveja. Bem, eu só vim pegar uns negócios que meu pai deixou para mim na sala dele.

Todd diz que sim com a cabeça e indica a porta do escritório, ainda sorrindo e perdido em recordações.

Destranco a sala com as chaves do meu pai e fecho a porta sem fazer barulho. O lugar está uma zona, cheio de arquivos espalhados pela mesa e papéis aleatórios empilhados em cada superfície do lugar. Começo a procurar nas pilhas, mas, depois de alguns minutos, só consigo encontrar três semanas de multas de trânsito e documentos sem relação nenhuma com John ou os mogadorianos. Então me dou conta de que *é claro* que essas coisas não vão ficar jogadas em qualquer lugar, e uso uma das chaves menores do chaveiro para abrir um arquivo ao lado da escrivaninha. Depois de procurar um pouco, encontro a pasta que queria: Paradise High School.

Isso!

A primeira pasta está cheia de relatórios preliminares sobre o ocorrido e acordos de confidencialidade. Jogo-os em cima da mesa para olhar depois. A segunda pasta é uma mina de ouro: fotos de página inteira da destruição da escola. Os sulcos no campo de futebol e as grandes marcas no chão que reconheço como pegadas. Cápsulas de espingarda espalhadas por uma sala de aula onde nos escondemos por um tempo. O auditório destruído. Todos os sinais indicavam que aquilo *não era* apenas a obra de um adolescente querendo se vingar da escola.

Meu coração bate mais rápido quando pego o celular e começo a tirar fotos das imagens. Mais tarde vou passar todas elas para o blog. GUARDA e os outros vão pirar quando virem isso. Passo as fotos o mais depressa possível, registrando cada uma delas. Minha mente está em turbilhão, e consigo ouvir o bombear do sangue em meus ouvidos.

Deve ser por isso que não escuto ninguém entrar.

Alguém me puxa pelo colarinho da jaqueta, me sufocando. Eu me viro, e o espanto me faz derrubar o celular. As fotos do arquivo se espalham pelo chão. Espero dar de cara com um mogadoriano ou um agente do FBI.

Mas é pior.

É meu pai.

— O que *diabos* você pensa que está fazendo? — ele urra.

— Pai, eu estava...

— Tem ideia de como se encrencaria se outra pessoa o encontrasse aqui? De como *eu* me encrencaria?

— Pai, eu posso ex...

— Essa é uma questão de segurança nacional, Mark. *Caramba!*

Ele me empurra para trás com força. Tropeço em meus próprios pés e bato com força no chão bem na hora que meu pai pega meu telefone. Ele mexe no aparelho e deleta todas as fotos que tirei, xingando o tempo todo. Só então percebo como é estranho ele estar de uniforme tão tarde da noite. Aquele incêndio deve ter sido importante o bastante para o chamarem.

Quando termina de deletar as fotos, ele fica parado por um momento, me encarando.

— Vá pra casa, Mark — diz, enfatizando cada sílaba. — E fique lá.

Meu pai faz menção de me entregar o celular quando toca o alerta de mensagem de texto, duas vezes. Ele liga a tela para ver do que se trata.

Seu rosto fica pálido.

— O que foi? — pergunto.

Ele não responde, apenas se abaixa e me levanta, quase me arrastando para fora do escritório.

— Todd! — grita, e o policial logo aparece ao lado da porta. — Lá pra fora. Agora.

— Pai, o que está acontecendo?

Ele ainda me puxa atrás de si. Eu poderia resistir, mas percebo que está furioso. Alguma coisa está errada. Aconteceu alguma coisa

ruim.

Quando chegamos à viatura de Todd, meu pai abre a porta traseira e me empurra lá para dentro. Consigo arrancar meu celular das mãos dele quando entro, e ele fecha a porta antes de perceber que o peguei. Então grita para Todd.

— Leve-o direto pra casa da minha mãe. Se ele tentar resistir, pode prendê-lo.

Todd olha para mim, balançando a cabeça, enquanto meu pai corre para a viatura dele e grita alguma coisa no rádio.

É só então que olho para o celular. Recebi duas mensagens de Sarah.

AI, MEU DEUS, John está aqui.

Não venha, mas te mando uma msg se alguma coisa acontecer.

Merda.

Minha mente está a mil enquanto penso no que fazer. Ligo para Sarah na mesma hora. Como ela não atende, mando uma mensagem.

MEU PAI VIU A MSG. ELE VAI PEGAR JOHN. FUJAM.

Então percebo o significado daquilo. Meu pai está ligando para o FBI, para a polícia... Deve ter ligado até para os bombeiros. Todo mundo está prestes a chegar na casa de Sarah, e ela não sabe disso. Deve estar se agarrando com aquele maldito alienígena, e o FBI e a esquisitona da agente Walker vão encontrá-la.

Começo a esmurrar a grade de metal que separa o banco da frente na viatura de Todd e grito quando ele entra.

— NÃO! Temos que ir até ela. Todd, cara, me leve pra casa da Sarah. Você precisa me levar lá agora. Vai, vai, vai!

— Vou levar você para sua casa, isso sim.

Continuo socando o metal até sair sangue dos nós dos meus dedos. Todd bate na grade, grita para eu calar a boca e depois começa a xingar baixinho. Mando mensagens para Sarah freneticamente, então ele diz:

— E eu achando que a explosão na casa dos Goode seria o ponto alto da noite.

Explosão. Na casa dos Goode.

Tento juntar todas as peças, ignorando a dor na mão e o sangue pulsando rápido na minha cabeça.

John está aqui. Está em Paradise, provavelmente com Sam e Seis. Houve uma explosão na casa de Sam. Todos os policiais foram chamados. Se houve uma explosão, deve ter havido uma luta. E as únicas pessoas com quem John lutaria...

Os mogadorianos.

Os mogadorianos estão aqui. Estão atrás de John. E John está com Sarah.

CAPÍTULO DEZ

Passo o resto da noite em casa. Não tenho muita escolha. Minha avó está sentada em uma cadeira ao pé da escada, com um olho na minha porta e outro na caminhonete lá fora — é a sentinela pessoal do meu pai. Não tenho dúvida de que, se eu botar o pé pra fora de casa, um policial estará pronto para me deter antes que eu consiga chegar à rua. A última coisa de que preciso é ir parar em uma cela, mesmo que isso talvez me deixasse *mais perto* de Sarah.

Sarah. Só consigo pensar nela. No escritório do segundo andar, piro, andando de um lado para o outro, torcendo para que ela esteja bem e para que John pelo menos consiga mantê-la segura. Por mais que eu odeie essa situação, preciso acreditar que ele vai protegê-la, não importa o que aconteça. Mando uma mensagem para GUARDA e digo que um caos se instalou em Paradise, mas ele não responde. É claro que, logo nesta noite, ele não está colado no computador.

Mando umas mil mensagens para o meu pai. No começo peço desculpas, mas depois pergunto o que aconteceu. Ele não responde, até que finalmente peço pra ele só me dizer se Sarah está bem. A resposta vem em uma única palavra mágica: “sim.”

Pelo menos isso.

Enquanto ando de um lado para o outro, fico ouvindo o rádio de meu pai, que peguei no quarto dele. Tem tanto falatório e tanta gritaria que mal consigo entender. Dizem alguma coisa sobre um suspeito detido, depois vem um monte de estática. Ouço o nome de Sarah e alguém menciona a delegacia de Paradise. Depois alguém menciona as “instalações Dumont”. Então todas as mensagens param. O rádio fica mudo.

Alguém deve ter percebido que os rádios da polícia não eram seguros o bastante. Imagino a agente Walker puxando uma enorme tomada que desliga todo o sistema de rádio, mas sei que não é assim que funciona.

Com uma busca na internet por “instalações Dumont FBI”, encontro artigos sobre um complexo do FBI enorme e de entrada proibida em Dumont, Ohio, que fica a duas horas de distância.

Se Sarah tiver sido capturada, quero acreditar que está detida na delegacia, e que não foi enviada para alguma prisão secreta do FBI. Então, ao amanhecer, desço as escadas e vou para o jardim da frente. Minha avó não está mais em seu posto, então penso que as ordens eram só para ter certeza de que eu passasse a noite em casa. Entro na caminhonete e vou para a cidade. O celular do meu pai cai direto na caixa postal. Estaciono do outro lado da rua, em frente à delegacia, e observo para ver se Sarah ou qualquer outra pessoa entra ou sai. Toda vez que a porta da frente se abre, meu coração bate mais forte, mas todas as vezes me frustrro porque não é ela. Cada vez que isso acontece, fico um pouco mais preocupado.

Finalmente, por volta das oito da manhã, Sarah sai do prédio, e sou invadido por uma onda de felicidade e alívio. Ela ainda está aqui. Eles a deixaram sair. Talvez isso acabe bem, afinal.

Sarah parece um pouco assustada, e meu primeiro instinto é sair do carro e correr em sua direção. Em vez disso, dirijo a seu lado enquanto ela anda pela rua.

— Sarah — digo, encostando no meio-fio. Seus olhos estão vermelhos, como se ela tivesse chorado. — Entre.

— Meus pais estão vindo — ela responde. — Vieram para a delegacia quando perceberam que eu não estava em casa e que tudo estava um caos, mas os agentes na recepção os fizeram voltar. Ameaçaram prender os dois se ficassem fazendo perguntas sobre o que aconteceu. Eu disse a eles para me encontrarem no mercadinho no fim da rua para não precisarem voltar. Vão fazer tantas perguntas...

— Diga a eles que vou levar você pra casa.
— Estou sem o celular.
— Pode usar o meu — digo, inclinando-me e abrindo a porta do carona.

Depois de uma ligação curta e cheia de “Explico em cinco minutos, quando chegar em casa”, ela me devolve o telefone e apoia a cabeça nas mãos.

— O que você vai contar a eles? — pergunto.
— Não sei. Vou pensar em alguma coisa. Talvez diga que preciso dormir um pouco antes de conversar.

— Você está bem?
— Não — ela responde entre os dedos. — John voltou. Fiquei muito abalada e agi de um jeito estranho com ele porque estava muito triste com tudo o que aconteceu antes de ele simplesmente aparecer do nada, e aí o FBI me pegou. Não sei onde John está, e agora estou oficialmente conectada a tudo o que aconteceu. Passei as últimas três horas em uma sala de interrogatório.

— O que disse a eles?
— Nada — ela responde. — Foi com aquela agente Walker e algumas outras pessoas. Agente Noto e um cara chamado Purdy.

Reparo no nome: é o agente com quem GUARDA conversou ao telefone. Será que ele está no comando de tudo o que está acontecendo na cidade?

Sarah continua:

— Eles queriam saber por que John veio me visitar, e eu disse que era porque ficamos algumas vezes antes de ele surtar, e que ele devia pensar que eu ficaria com ele outra vez se ele aparecesse e jogasse umas pedrinhas na minha janela, como se estivéssemos em um filme de comédia romântica. Só fingi que era burra.

— E eles acreditaram?
— Não, acho que não. Mas pelo menos me deixaram ir embora. Pegaram John. Acho que é só com isso que se importam. Só me disseram para não sair da cidade ou vou ter problemas. — Ela

balança a cabeça — Disseram que estou em uma maldita lista de pessoas proibidas de pegar avião, caso eu tente sair do país ou coisa parecida.

— Droga.

— Eu sei. — Ela puxa a barra do suéter cinza com os dedos. — Me sinto tão idiota. É tudo culpa minha.

— Não, é minha. Meu pai viu a mensagem que você mandou. Eu não devia ter deixado aquilo acontecer.

Por um segundo, ela parece surpresa — talvez até feliz por não ter sido sua culpa. Então seu rosto volta à expressão triste de antes.

— Eles deviam estar me vigiando, de qualquer forma. Devia ter avisado John sobre isso, mas só corri para o quintal. Estava tão feliz em vê-lo.

— Você não sabe se eles estavam mesmo vigiando você.

— Não sei o que fizeram com ele — ela diz, quase chorando. — John...

— Acho que ele está em Dumont. Tem uma espécie de instalação do FBI perto da fronteira do estado.

— O quê?! — Ela quase grita, balançando-se no assento e empurrando o cinto de segurança. — Precisamos ir. Tenho que falar com ele. Preciso explicar que eu não...

— De jeito nenhum, Sarah. Você acabou de ser detida e interrogada porque estava com ele. Talvez ainda não tenha se dado conta, mas podiam ter colocado você na cadeia por ajudar um criminoso. O cara está na lista dos *mais procurados*, Sarah. Não vou levar você até uma prisão do FBI para se meter em mais encrenca. Não é o que ele ia querer.

As palavras parecem jorrar da minha boca. De repente, consigo ouvir a voz de John na minha cabeça, dizendo que preciso garantir a segurança de Sarah. E, nesse momento, isso significa mantê-la o mais longe possível dos lorianos e mogadorianos.

— Além disso — digo, em um tom um pouco mais animado —, ele tem superpoderes. Você realmente acha que vai ficar preso por

muito tempo?

— Você deve ter razão. Sam está com ele, mas Seis não estava. Aposto que ela consegue encontrá-los, caso estejam encarcerados.

— Também acho. Ela é uma daquelas garotas que eu não gostaria de ver irritada comigo.

Sarah faz cara feia, mas não entendo o que isso quer dizer.

— Preciso comprar um celular novo — ela fala. — Ou tentar recuperar meu antigo com o FBI. — Ela fica quieta. — Como se isso fosse possível.

— Você devia comprar um celular descartável.

— Um celular o quê?

— Você sabe, como aqueles que aparecem nos programas de tevê sobre traficantes e coisas do tipo. Um celular pré-pago. Você sabe que o FBI vai rastrear todas as mensagens de texto e ligações que você receber no número antigo.

— Meu Deus... Agora somos iguais a traficantes? — ela pergunta, olhando pela janela da caminhonete, como eu já a vira fazer inúmeras vezes. — Como acabamos assim?

— Não me culpe — respondo. — Culpe essa guerra iminente pelo nosso planeta entre os alienígenas humanoides e aqueles desgraçados com cara de tubarão e espadas mágicas.

Quando a deixo em casa, seus pais estão esperando na varanda. Vejo suas expressões mudarem de preocupação para alívio, raiva e depois uma mistura de todas as anteriores. Fico na caminhonete, mas o pai dela lança um olhar nada sutil que me culpa por tudo o que aconteceu com a filha. Afinal de contas, sou o ex-namorado festeiro de quem eles tiveram que afastá-la o verão inteiro, para começar. Fico um pouco decepcionado. Talvez deixá-la em casa não tenha sido uma ideia genial. O celular dela já era. Se eu tiver sorte, ela vai conseguir manter o computador "para estudar". Se não, duvido que os Hart me deixem ver ou falar com a filha deles.



Já é fim de tarde quando finalmente tenho notícias do meu pai, que estava trabalhando desde a hora em que me flagrou na delegacia. Ele me liga enquanto estou pesquisando uma série de círculos feitos em plantações em alguns condados mais para o oeste, embora tenha quase certeza de que sejam falsos e não tenham nada a ver com alienígenas de verdade.

— Oi — digo, quando atendo o celular. Não sei se devo esperar gritos ou um pedido de desculpas. Talvez a primeira opção.

Em vez disso, ouço um longo suspiro do outro lado da linha.

— Ah, graças a Deus — meu pai diz.

Ele soa tão aliviado. O que será que pensou que tinha acontecido comigo?

— O que foi? — pergunto.

— Onde você está?

— Em casa.

— Ótimo. Falou com Sarah?

— Não desde hoje de manhã.

— Ouça — ele hesita um momento, depois começa a falar mais baixo. — Fique onde está. Não saia de casa. Imagino que os agentes tenham pegado o celular de Sarah como evidência, mas, se der, mande uma mensagem para ela dizendo para ficar na dela também. É uma boa garota. Sempre gostei dela. Não devia estar envolvida nisso tudo.

— Pai, o que está acontecendo?

Minha mente está em turbilhão, imaginando naves mogadorianas pousando por toda Paradise. Embora eu não tenha ideia de como são essas naves.

— Não posso dizer. Mas aconteceu uma coisa que está deixando o FBI louco. É possível que uma ou duas pessoas que prendemos estejam desaparecidas. Parece que estão acontecendo coisas

estranhas em Dumont, para onde eles foram levados. Só queria ter certeza de que nenhum de vocês vai ter a brilhante ideia de fugir com seus colegas, caso voltem para a cidade.

John e Sam. Eles escaparam.

Não demorou muito.

— Vou ficar aqui, pai.

Nem terminei de me despedir e já estou escrevendo um e-mail para Sarah.

A resposta é uma página cheia de pontos de exclamação.

A próxima pessoa com quem entro em contato é GUARDA. Digo a ele que um dos meus amigos foi preso para ser interrogado e que um dos lorientos foi detido. Ele fica feliz em saber que John fugiu.

GUARDA: Notícias MARAVILHOSAS. Precisamos de mais alienígenas do bem.

JOLLYROGER182: CTZ!

GUARDA: Acho que isso significa que já sabemos para quem o FBI trabalha.

JOLLYROGER182: como assim?

GUARDA: Se o FBI trabalhasse com os lorientos, ele não precisaria fugir, certo?

Eu me reclino na cadeira. Ele está certo. É claro que está. Se o FBI levou John e depois interrogou Sarah, com certeza não está do nosso lado.

JOLLYROGER182: merda.

GUARDA: Então o agente Purdy estava envolvido na investigação?

JOLLYROGER182: e alguns outros. uma mulher chamada Walker tb.

GUARDA: Parece que é hora de aprofundar minha pesquisa sobre Purdy.

JOLLYROGER182: vc disse q tinha descoberto tudo q podia.

GUARDA: Existem outras formas.

CAPÍTULO ONZE

No dia seguinte, Sarah e eu temos a primeira oportunidade de conversar, na escola. O FBI — em um raro gesto de bondade — não informou para os pais de Sarah sobre os acontecimentos de sábado à noite, então, para eles, Sarah só estava na rua tarde da noite e acabou envolvida na operação de prisão do criminoso tão procurado John Smith. Como parte do castigo, os horários dela estão controlados, o que significa ir e voltar de ônibus para Helena High e nenhum tempo comigo. É uma droga, mas vai passar.

Estou esperando perto da entrada da escola, fingindo estar imerso em um livro da aula de literatura quando ela chega. A gente se olha e indico com a cabeça o corredor deserto que leva ao auditório.

— Oi — ela diz. Parece de bom humor, o que é uma melhora desde a última vez que nos falamos.

— Oi — respondo. — Como está?

— Meus pais estão em cima de mim, mas fora isso tudo bem. — Ela desvia o olhar. — Nenhuma notícia de Você-sabe-quem.

— Eu não me preocuparia com isso. Pelo que sei, eles conseguiram escapar. — Então percebo o que ela quis dizer. John escapou, mas não entrou em contato com ela. Não voltou para buscá-la. — Ah, mas... Tenho certeza de que ele ainda está pensando em você...

Aquilo foi claramente mais uma pergunta do que uma afirmação.

— Tudo bem. Tive muito tempo para pensar, presa no quarto. É claro que ele não voltou para me buscar. Não é como se eu pudesse largar minha família e sair pelo mundo combatendo alienígenas, ou o

que quer que ele esteja fazendo. E passar para me ver de novo só me colocaria em perigo. Tenho certeza de que, quando for a hora certa, ele vai voltar para me buscar.

Ótimo. É possível que uma parte de mim esperasse que toda aquela história de “ser questionada pelo FBI sobre meu namorado preso” enfiasse um pouco de juízo na cabeça dela. Parece que vou ter que esperar sentado.

— Só gostaria que houvesse um jeito de descobrir o que eles vão fazer agora.

De repente, tenho uma ideia, e então descubro um jeito de Sarah e eu passarmos algum tempo juntos.

— Você não tem nenhuma falta na aula de artes, depois do almoço, certo? — pergunto.

— Certo. — A voz dela tem um quê de suspeita. — Ainda estamos na segunda semana de aula.

— Ótimo. Vamos apurar informações. — Ela franze a testa, confusa. Sorrio. — Uma explosão na casa dos Goode na mesma noite que John aparece na cidade. Não pode ser coincidência, né?

— Claro que não — ela diz. Seus lábios começam a se abrir em um sorriso malicioso.

— Duvido que a Sra. Goode não tenha acordado com o barulho. Aposto que ela viu alguma coisa. Talvez até tenha conseguido falar com Sam. Quer dizer, você sabe que ela está preocupada com ele. Talvez ele tenha dado uma dica de para onde estão indo.

— E o que diremos na aula de artes?

Dou de ombros.

— O pneu furou depois do almoço. Temos direito a algumas faltas não justificadas. Onde está seu espírito de aventura, Sarah Teresa de Calcutá?

Ela ri.

— Não ouse me dizer que levo uma vida chata.



Na hora do almoço, vamos do inferno para Paradise.

A casa de Sam fica nos limites da cidade, e tento passar apenas pelas ruas secundárias — a última coisa de que preciso agora é dar de cara com meu pai enquanto deveria estar levantando peso a vinte minutos daqui.

Tocamos a campainha algumas vezes e esperamos, mas não tem ninguém em casa. Espio pelas janelas da frente, cobertas com cortinas de renda, mas não parece ter nenhuma luz acesa lá dentro.

Cinco minutos depois, damos a volta até a parte de trás da casa e entendo por que a polícia foi correndo para lá. Metade do quintal está queimada. Parece que explodiram um pequeno poço ou algo do tipo. Parece que uma enorme janela explodiu, tendo sido coberta depois com uma lona. Isso faz eu me lembrar do terreno da escola durante o ataque mogadoriano.

— Eles com certeza estiveram aqui — Sarah diz, parando ao meu lado.

— Mas não há provas de que isso não tenha sido causado por um incêndio. Nenhuma arma ou coisa do tipo. Tudo deve ter sido levado.

— A equipe de limpeza é bem meticulosa.

Assinto com a cabeça e seguimos para a caminhonete, derrotados. Estou prestes a dirigir de volta para Helena quando Sarah o vê.

— Mark — sussurra.

Ela aponta para algo refletido no retrovisor do carona. Viramos ao mesmo tempo e logo vejo o que chamou a atenção dela. Um carro preto estacionado no meio da estrada a uns cinquenta metros de distância. Parado. O para-brisa é tão escuro que nem consigo ver se tem alguém dentro.

— Aquele carro... — observo.

— Não parece muito amigável — ela conclui.

Começo a dirigir, meus olhos grudados no retrovisor, torcendo para o carro ficar parado.

Ele não fica.

— Mark — Sarah diz.

— Eu sei. — Piso fundo no acelerador. Digo a mim mesmo que é apenas uma coincidência, mas não tem jeito de convencer meu cérebro a acreditar naquilo.

— Está chegando mais perto — Sarah avisa. Ela está completamente virada para trás, as mãos agarradas ao encosto de cabeça.

Olho para o velocímetro. Já estou a noventa quilômetros por hora em uma estrada cujo limite é cinquenta, mas acelero ainda mais.

— Droga! — Sarah grita, e olho pelo retrovisor outra vez, bem a tempo de o para-choque do carro colar na minha caçamba.

O veículo dá uma leve batidinha no meu — não o suficiente para causar dano, mas o bastante para eu sentir e chacoalhar bastante a caminhonete. Ele se afasta um pouco, mas continua me seguindo a poucos metros. Por instinto, acelero. O carro faz o mesmo.

— Coloque o cinto! — grito para Sarah, que o soltou para ficar de olho no carro de trás.

— O que a gente faz? — ela pergunta.

Minha mente está a mil. Não consigo desacelerar. Por sorte, a rua em que estamos é reta, mas vejo uma curva se aproximando. Não vou conseguir fazê-la a essa velocidade.

— Não sei — murmuro.

Estou quase a cento e quarenta, com o pé no acelerador, e o carro atrás não desiste. Mal consigo ver a figura no volante, só uma enorme mancha preta com o formato de uma pessoa. Por um instante, pergunto-me se é um mogadoriano, um agente do FBI ou algum outro tipo de alienígena que nem sabíamos que existia, o que é uma possibilidade muito real a essa altura.

— O que eles querem? — pergunto.

— Matar a gente, claro — Sarah grita, agarrando as laterais do banco.

Estamos nos aproximando da curva na estrada quando de repente o carro vai para a pista lateral e dirige ao meu lado até ficarmos lado a lado. O filme no vidro impede que se enxergue qualquer coisa lá dentro, apenas os reflexos do lado de fora, como se fosse uma espécie de máquina automatizada com sede de sangue, sem um motorista de verdade.

Sarah está ofegante.

— Droga! Ele vai...

Entendo o que ela quer dizer um segundo antes de acontecer. Enfio o pé no freio. Sarah grita. O carro preto me dá uma fechada, errando o capô da caminhonete por centímetros. Posso sentir os freios ABS se ativarem sob meu pé enquanto a caminhonete derrapa para a direita.

— SE SEGURA! — grito enquanto me preparo para o acidente, com uma mão agarrando o volante e a outra segurando o braço de Sarah. Como se eu fosse capaz de nos fixar no lugar caso capotássemos. Sinto a caminhonete começar a tombar.

Mas não capotamos. A caminhonete tomba de leve, sacode e finalmente para depois de meio cavalo de pau. A fumaça dos pneus nos envolve, cheirando a borracha queimada. Todos os meus músculos estão contraídos, e já sei que vou ficar com um hematoma no local que o cinto segurou meu corpo.

Não há sinal do carro preto. Desapareceu depois da curva.

— Você está bem? — pergunto a Sarah, que olha para mim e faz que sim com a cabeça. O cabelo dela está todo jogado na cara e os olhos estão arregalados. Ela se contorce de leve, e reparo que estou segurando seu braço com muita força. Solto. Meus dedos parecem rígidos.

Puxo o freio de mão e estremeço, ainda sob o efeito da adrenalina.

À nossa frente, o carro preto aparece, parado bem na curva.

— Mark — Sarah diz —, tire a gente daqui.

As rodas do carro preto soltam fumaça por conta da derrapagem. Ele segue direto para o lado do passageiro da minha caminhonete.

Dou marcha ré para sair da estrada, mas estou muito devagar. Não vamos conseguir sair a tempo.

Então, no último segundo, o carro dá uma guinada para a direita e não nos acerta, avançando pela estrada deserta enquanto piso no acelerador e recuo o mais depressa possível. Acabo batendo em uma árvore fina e alta. Ela cai com um ruído e seu tronco se parte.

Olhamos o carro desaparecer de vista outra vez, desta vez a muitos quilômetros de distância. Estou ofegante como se tivesse acabado de participar da disputa de bola mais intensa da minha vida. As mãos de Sarah estão tremendo.

— Que merda foi essa? — pergunto.

— Acho que isso significa que estamos nos metendo onde não deveríamos.

— Aquele carro tentou nos matar.

— Não — Sarah retruca, sacudindo a cabeça. — Foi só para assustar. Avisar o que vai acontecer caso a gente continue se metendo. Se a gente se envolver mais.

Olho para o relógio. A aula depois do almoço já está começando em Helena High. Tremendo, pego a estrada para voltar à escola. Por enquanto, não temos mais nada a fazer em Paradise.

CAPÍTULO DOZE

Meu pai já está em casa quando volto da escola, o que é estranho, já que ele tem chegado cerca de uma hora depois de mim. Estaciono de ré na lateral da casa — há um grande amassado no para-choque e um arranhado na traseira que eu gostaria de esconder dele o máximo possível. Árvore idiota.

Ao entrar, ouço uma discussão. Corro para a sala de jantar, onde vovó está repreendendo meu pai por alguma coisa. Há várias latas de cerveja na mesa.

Entro quando ele está no meio de uma frase.

— ... esses filhos da mãe não têm o direito de me expulsar da minha própria sala.

— Você pode até ser adulto — vovó retruca —, mas não vai usar esse tipo de linguajar na minha casa.

Eles reparam em mim ao mesmo tempo, e vovó corre para me enxotar da sala de jantar enquanto meu pai vira outra cerveja.

— O que está acontecendo? — pergunto.

— Parece que o FBI tomou todo o controle sobre a delegacia do seu pai — ela explica, empurrando-me para a cozinha e oferecendo um prato de biscoitos. Balanço a cabeça.

— O quê?!

— Ele não está muito feliz com isso. Parece que um cara chamado Perty, Purdy ou algo assim expulsou seu pai da própria sala.

Purdy.

— Mas eles *podem* fazer isso?

Vovó dá de ombros.

— Eu não perguntaria agora, se fosse você. Vamos dar um tempo para ele.

Balanço a cabeça, concordando. Vi meu pai beber cerveja a vida inteira, mas não sei se já o vi beber durante o dia desse jeito. Nem se já o vi bêbado. Então subo para guardar minhas coisas e dar uma olhada no que aconteceu na internet durante as últimas horas, enquanto tento descobrir por que o FBI tomou conta da delegacia. Minha parte racional diz que é só porque John fugiu e os agentes acham que ele pode voltar para cá, mas há também um pensamento irritante no fundo da minha mente: será que isso tem alguma coisa a ver com minha investigação na casa dos Goode hoje? Será que isso é outro aviso do FBI — um pouco mais sutil do que um carro tentando me tirar da estrada, mas sem dúvida mais pessoal?

Balanço a cabeça. Isso precisa ter a ver com a busca por John e Seis. É nisso que preciso acreditar.

Fico chateado por Sarah não estar na internet para conversar. Quero contar esses novos acontecimentos, mas agora que ela está sem celular e seus pais estão controlando as ligações, a internet é o único modo de a gente se comunicar. Quando vejo que ela não está on-line, mando um e-mail contando que tenho novidades que ela vai querer ouvir, mas não menciono nada específico.

Mais tarde, quando meu pai já apagou na poltrona reclinável lá embaixo, enquanto assistia a reprises de jogos, recebo uma mensagem de texto de um número desconhecido.

Oi. Alguma novidade sobre o paradeiro de John?

Acho que Sarah conseguiu um celular novo, afinal. Espero que seja daqueles descartáveis. Respondo a mensagem:

Nao, mas acho que isso deve ser bom.

Alguns segundos depois, recebo uma resposta:

É, eu acho. Só queria poder ajudar mais

Suspiro e respondo outra vez:

Estamos fazendo o possível. Vc pode me ligar?? Tenho coisas p contar

E depois nada.

Deito no sofá-cama com o telefone no peito, esperando senti-lo vibrar enquanto olho para o teto. Tento entender as coisas. O FBI praticamente dominou Paradise. Estão trabalhando para os mogadorianos, ou pelo menos não estão do lado dos loriens. E, hoje mais cedo, um maluco tentou matar Sarah e eu. Ou só nos assustar o suficiente para pararmos de nos meter.

Mas não consigo parar de investigar: é impossível fingir que as coisas não mudaram desde toda aquela confusão na escola. O que significa que podem ficar ainda mais perigosas para mim e para Sarah.

Começo a me perguntar o que minha família faria se um dia eu desaparecesse de repente. Se o FBI ou os mogadorianos me pegassem. O que os editores do blog pensariam?

Será que toda a pesquisa e todas as coisas que investiguei foram em vão?

Depois de um tempo, levo o computador para a cama e começo a digitar tudo o que consigo lembrar de ter visto sobre os mogadorianos no ataque à escola. É em parte um relato de testemunha e em parte uma descrição dos alienígenas malignos. Não quero deixar de fora nenhum detalhe, e pode ser útil algum dia se precisarmos explicar às pessoas o que realmente aconteceu naquela noite, ou mesmo como combater os mogadorianos. Ou para o caso de eu desaparecer de repente.

Salvo o documento como rascunho privado no blog, sem saber o que fazer com aquilo. Postá-lo só incitaria o FBI — ou os mogadorianos — a me perseguirem. Eles provavelmente apareceriam no meio da noite e me estripariam com aquelas armas brilhantes. Não é um pensamento muito agradável, e deve ser por isso que tenho um pesadelo horrível quando consigo pegar no sono. Começa de um jeito legal, um daqueles sonhos que parecem tão normais que não tem como pensar que não são reais. Sarah e eu estamos no velho chalé onde minha família costumava passar as férias, em Michigan — aonde acho que não vou desde os doze anos. Estamos sentados no quarto que eu sempre escolhia, aquele com as duas camas com os cobertores elétricos maravilhosos, que tornavam impossível levantar nas manhãs frias. Mas não está frio no sonho. Na verdade, parece que é primavera, e tudo está banhado em uma luz dourada e tranquila.

Sarah está em uma das camas e eu na outra, e estamos só conversando. Ela fala sobre uma competição de líderes de torcida que acontecerá em breve, e a asseguro de que ela vai se sair muito bem. Sarah está sorrindo tanto... Nós dois estamos muito felizes. O sonho está repleto de felicidade, como se pairasse no ar que respiramos.

Então escuto um barulho lá fora. Olho pela janela e vejo uma besta enorme, uma das criaturas que atacaram a escola. É uma besta mogadoriana, com olhos amarelos, garras e chifres. E está vindo atrás da gente.

Eu me viro para tirar Sarah dali, mas ela sumiu. Soldados mogadorianos invadiram o quarto, as espadas brilhando em cores diferentes. Todos dão um sorriso meio doentio, mostrando os dentes cinzentos.

Um deles pegou Sarah.

Ela estende a mão e me chama. Avanço na direção dela. Então alguma coisa atravessa o peito dela bem no coração, vinda de trás. Uma coisa longa, afiada e brilhante.

Sarah grita. Seus olhos se arregalam e o corpo fica inerte. E então ela se vai. Seu corpo vira cinzas, que se espalham como se ela fosse uma alienígena.

Sou acordado por meu próprio grito, suando. Mando uma mensagem para o novo número de Sarah, mas ela não responde.

Deve estar dormindo.

Devo ter adormecido outra vez, porque a próxima coisa que vejo é a luz entrando pelas janelas, e sinto o cheiro de bacon frito vindo lá de baixo. Estou um pouco desorientado, mas vou para o banheiro escovar os dentes e me aprontar, antes de encontrar minha avó na cozinha.

— Seu pai ainda não levantou — ela diz, um pouco irritada. — Deve continuar dormindo por um tempo. E vai acordar de mau humor. — Ela dá uma risadinha sarcástica — Bem feito.

Pego um pedaço de bacon da pilha que não para de crescer ao lado do fogão e devoro metade em uma só mordida.

— Ele vai ficar bem, né? — pergunto.

— Ah, é claro que vai. Os homens da família James sempre foram teimosos. — Vovó ergue uma sobrancelha na minha direção. — E você não é exceção.

Finjo estar ferido, como se ela tivesse atirado em mim com um revólver imaginário. Vovó dá uma risadinha. Então alguém bate à porta. Ela me lança um olhar indagativo, mas só balanço a cabeça. Ela suspira.

— Aposto que é para seu pai. — Ela olha para o avental, manchado de gordura.

— Vou enrolar os caras — digo. — Vá acordar papai. Ele não vai gritar tanto com você.

Ela me dá um tapinha no ombro e vai embora. Enfio o resto do bacon na boca e vou até a porta da frente, esperando encontrar Todd ou um dos subordinados do meu pai.

Em vez disso, abro a porta e vejo a agente Walker. Mais atrás, na varanda, o agente Noto está parado, com as mãos entrelaçadas à

frente do corpo.

Devo ter parecido surpreso, pois a agente Walker ergue a mão diante do peito, como se para me tranquilizar.

— O que você quer? — pergunto, sem tentar disfarçar a raiva.

Até onde sei, foram aqueles dois que tentaram forçar Sarah e eu para fora da estrada ontem.

— Fique calmo, Sr. James — Walker diz. Ela franze a testa. — Só estamos aqui para lhe fazer algumas perguntas.

— Sei.

— Sr. James, Mark, é essencial que o senhor nos conte tudo o que sabe sobre o que Sarah Hart fez ontem depois da escola.

— Por que eu deveria contar alguma coisa a vocês? — pergunto.

— Porque Sarah não foi para casa ontem à noite — Walker responde.

A varanda fica imersa em silêncio. Não sei dizer se estou imaginando ou se é só por causa do zumbido em meus ouvidos.

— C-como assim? — consigo dizer.

— Os pais dela informaram a polícia ontem à noite — Walker explica. — Como a Srta. Hart está sendo investigada, estamos pulando o período de espera normal para declarar uma pessoa como desaparecida antes de iniciar as buscas. Então vou perguntar de novo, Mark: o que Sarah fez ontem depois da aula?

Balanço a cabeça. Nada daquilo faz sentido. Conversei com ela na noite passada. Ela me mandou uma mensagem. Ela...

A mensagem. De um número desconhecido. Pode ter sido de qualquer pessoa.

Uma voz repete na minha cabeça. *Sarah sumiu. Sarah sumiu.*

— Nada — digo. — Quer dizer, eu não sei. Não falo com ela desde a hora do almoço de ontem. Ela voltou de ônibus para casa.

Agente Walker balança a cabeça, concordando. Parece satisfeita com a resposta. Por um momento, sua expressão muda, como se uma máscara tivesse caído, e ela me olha com preocupação. Talvez até mesmo pena, como se desejasse poder fazer alguma coisa para

me ajudar. Quem sabe me dar um abraço. Mas o momento passa, e ela retoma a expressão séria, com um sorriso falso.

— Manteremos contato — ela diz, afastando-se da porta. Então desaparece dentro de uma das SUVs pretas que infestam a cidade.

Sarah sumiu.

Fracassei em protegê-la.

O que devo fazer agora?

Não, essa é uma pergunta fácil de responder. Preciso encontrá-la.

Mas como?

CAPÍTULO TREZE

Levo um tempo para pensar que talvez John tenha vindo buscá-la, então me sento à frente do computador e confiro o telefone a cada dois minutos, torcendo para Sarah me mandar uma mensagem dizendo que está tudo bem. Ela deve saber que estou enlouquecendo, e sem dúvida vai me avisar que está segura.

Passam dias sem qualquer notícia dela, e percebo que estou me apegando a uma esperança infundada. Se estivesse com John, teria encontrado um jeito de entrar em contato comigo. Não teria simplesmente me deixado para trás.

É tão fácil lembrar o dia que ela desapareceu e pensar nas coisas que eu deveria ter feito. Quando ela — ou quem quer que fosse — me mandou uma mensagem daquele número estranho. Não devia tê-la deixado sozinha depois do que aconteceu com o carro preto na casa de Sam. Eu me sinto um idiota. Inútil.

Preciso fazer alguma coisa.

Passo quase o tempo todo no blog, mas há um limite de pesquisa que consigo fazer on-line. Não posso ficar sentado sem fazer nada. Vou enlouquecer.

Uma ideia se forma no fundo da minha cabeça. Sarah disse que Sam devia saber mais sobre o que estava acontecendo com os lorienos e os mogadorianos do que qualquer um de nós.

O quintal da casa dele parecia um campo de batalha. A mãe deve estar assustada, hospedada em outro lugar. A janela de trás foi destruída e está coberta apenas por uma lona.

Entrar pela janela seria a coisa mais fácil do mundo. Se Sam sabia mais sobre o que estava acontecendo entre mogadorianos e

lorienos, talvez tenha deixado pistas que eu possa investigar.

São quase duas da manhã quando saio escondido de casa, todo vestido de preto, encolhendo-me a cada ranger do piso. Ninguém acorda para tentar me impedir, exceto pelos cachorros, mas eu já estava preparado para isso. Com alguns pedaços de carne seca, Abby e Dozer ficam o mais quietos possível.

Mantenho os faróis apagados até chegar à rua. Passo pela casa de Sam algumas vezes, tentando ver se alguém está por ali, mas parece não ter ninguém em casa. Estaciono algumas casas adiante, só por precaução. Não há nenhum carro na frente, e uma olhada rápida na garagem mostra que está vazia também. Bato na porta, só para ter certeza de que ninguém vai abrir. Lá dentro está um silêncio sepulcral.

Bingo. Casa vazia.

Respiro fundo e me preparo psicologicamente. Já entrei e saí escondido de algumas casas, mas nunca invadi nenhuma de fato. Digo a mim mesmo que não é nada de mais. E que preciso fazer isso. Qualquer informação que conseguir pode nos ajudar. Qualquer informação pode me ajudar a encontrar Sarah.

Puxo a lona e pulo a janela do quintal, entrando na sala de jantar. Não é difícil descobrir qual é o quarto de Sam: o que tem uma placa dizendo "Entre por sua conta e risco". Atravesso o carpete marrom que cobre o corredor e entro.

O quarto de Sam está coberto de pôsteres que lembram o motivo de todos pensarem que ele era esquisito na escola. *Guerra nas Estrelas*, *Alien*, *Tropas Estrelares* e pelo menos duas bandeiras diferentes da Nasa. Eu imagino que, onde quer que esteja, ele está usando a mesma blusa surrada da Nasa.

Depois de bater a cabeça em um monte de bolas pintadas penduradas no teto, começo a olhar ao redor. Não sei por onde começar a busca, então fuço a escrivaninha. O problema é que eu poderia apontar para qualquer lado e meu dedo indicaria algo "fora do comum". Examino bonecos, fotos desfocadas do céu e um

telescópio que ele parecia estar tentando consertar. Sem querer, quebro o braço de um protótipo de robô e me sinto culpado por um segundo, antes de lembrar que Sam está em algum lugar com John e nem deve recordar que aquilo existe. Por fim, algo chama minha atenção.

Sento na cadeira da escrivaninha e abro uma revista chamada *Eles Estão Entre Nós*. Parece uma xerox. É cheia de teorias da conspiração sobre alienígenas, homens-lagarto e outros artigos malucos, tipo a que o monstro do Lago Ness na verdade é um cavalo-marinho extraterrestre. Folheio algumas matérias antes de ver uma manchete que me faz tremer.

A RAÇA MOGADORIANA QUER DOMINAR A TERRA.

O artigo é pouco mais do que uma prévia de uma reportagem completa que vai ser publicada no mês seguinte, mas não encontro a próxima edição. Tiro uma foto do artigo e da capa da revista e mando por mensagem para GUARDA. Ele vai pirar quando puser os olhos nisso. Talvez possa me ajudar a encontrar os autores, que devem saber mais sobre o que está acontecendo e como encontrar Sarah.

GUARDA responde depressa.

GUARDA: UAU.

JOLLYROGER182: pois eh. vc pode descobrir + sobre a revista?

Pego alguns CDs sem identificação que estão jogados em cima da mesa, só para o caso de terem algum arquivo interessante. Infelizmente, não vejo um computador. Ou Sam o levou com ele, ou alguém já o tirou daqui. Com um bolo de revistas debaixo do braço, saio do quarto e ando pela casa, olhando para as fotos da família penduradas na parede. O pai de Sam está em algumas delas, encarando-me de volta através dos óculos grossos parecidos com os de Sam. Tenho uma vaga lembrança de Malcolm Goode, das festas da escola e tal, de quando eu era criança. Olho para baixo, para a

pilha de coisas que estou, tecnicamente, roubando do quarto de seu filho.

— Desculpe — murmuro, então vou para o quintal, desta vez pela porta dos fundos.

Assim que chego lá fora, fico paralisado: tem alguma coisa se mexendo nas árvores perto do jardim. Penso em sair correndo, mas, se não for nada, só vai me fazer parecer mais suspeito. Assim que minhas mãos começam a suar de nervoso, uma coruja sai voando do meio das árvores. Solto a respiração, dizendo a mim mesmo que deve ter sido aquilo que vi.

Desapareço nas sombras da lateral da casa e me mantenho rente à parede. Fico parado pelo que parece um longo tempo, observando a rua, tentando ver qualquer movimento ou luz — qualquer coisa que indique que há um carro preto pronto para me atropelar. Mas há apenas a brisa e o som dos pássaros e insetos na mata. Finalmente, começo a andar de volta para a caminhonete. Já me dou os parabéns mentalmente pela missão bem-sucedida quando percebo que aquilo significava que o maluco que estava atrás da gente no outro dia estava, *na verdade*, atrás de Sarah. E que, neste momento, ela deve estar presa.

Ou pior.

CAPÍTULO QUATORZE

Passo a noite quase toda acordado, enviando fotos e páginas escaneadas das revistas para GUARDA. Ele faz sua mágica cibernética e responde com vários números de telefone das pessoas que publicaram na *Eles Estão Entre Nós*. Pergunta se quero que ele ligue, mas assumo a tarefa. Fui eu quem examinou cada palavra de cada edição que Sam tinha, esperando encontrar alguma coisa — *qualquer coisa* — que me desse uma pista de onde estão as pessoas que pegaram Sarah. Ou, se não eles, pelo menos o lugar para onde John, Seis e Sam fugiram. Se conseguir encontrá-los, eles podem usar seus superpoderes para localizar Sarah sem problemas.

Sem problemas. Repito essas palavras o tempo todo, torcendo para alguma hora começar a acreditar nelas.

Compro um celular descartável depois da aula no dia seguinte e começo a ligar para os números que GUARDA me deu enquanto dirijo para casa. Os três primeiros não funcionam mais, o que não é bom sinal. Mas o quarto e o quinto ainda chamam. Na verdade, chamam para sempre, sem cair na secretária eletrônica. Depois de cerca de vinte toques, desligo e ligo outra vez. Conto mais vinte, então desligo e ligo outra vez.

Nunca fui muito sutil.

Depois do terceiro toque, alguém atende e desliga. Por um segundo, deu para ouvir um som abafado.

Então tem alguém do outro lado.

Tento a sorte e ligo outra vez. Atendem na mesma hora.

— O que você quer? — A voz do outro lado da linha é trêmula e aguda. É uma voz de homem. Parece estar em pânico pela

respiração rápida.

— Oi, aqui é... — Penso por um momento. — Roger.

— Não sei o que você quer, Roger, mas foi engano. Não ligue outra vez.

— Só quero algumas informações sobre a revista *Eles Estão Entre Nós*. Você é um dos escritores, editores ou algo do tipo?

— Eu disse que foi engano.

Clique. A voz do outro lado já era.

Dou um soco no painel do carro e tento pensar no que fazer a seguir. Então penso *dane-se* e ligo outra vez. Dessa vez, o homem parece irritado.

— Não. Ligue. De. Novo.

— Minha amiga está em perigo — digo. O cara fica em silêncio, então continuo. — Ela está desaparecida. Tem algo a ver com os mogadorianos. Só quero encontrá-la. Só quero saber se está bem.

Afundo no banco do motorista, apoiando a cabeça no encosto.

— Por favor — peço.

Há um longo suspiro do outro lado da linha. Quando volta a falar, o homem parece estar chorando.

— Não publicamos mais a revista. Eles levaram tudo. O que mais você quer de nós? O que mais você quer? Eles levaram tudo.

— Quem são eles? — pergunto, mas já posso adivinhar. — Os mogadorianos? Eles encontraram vocês?

Não há resposta. Afasto o telefone da orelha e o encaro por um momento antes de desligar. Eu não deveria estar surpreso com o destino da revista. Estou até surpreso de ainda haver alguém vivo.

Mando uma mensagem para GUARDA contando sobre a conversa. Então faço uma proposta.

JOLLYROGER182: as pessoas q assinavam a revista sabiam dos mogadorianos. Tava escrito la.

GUARDA: Sim, sabemos disso.

JOLLYROGER182: a gente devia mudar o nome do blog. deixar + facil para os q acreditam encontrarem

GUARDA: Quer que a gente vire a nova EEEN?

JOLLYROGER182: acho q pode ajudar a encontrar novos recrutas. e qto + gente + chance d descobrir o q aconteceu c a Sarah

GUARDA: Mas nós seremos o próximo alvo, se foram os mogadorianos que acabaram com a antiga EEEN.

JOLLYROGER182: mas vc eh um genio dos pcs. ips e endereços impossiveis de rastrear. nao to preocupado.

GUARDA: Vamos fazer isso. Vou enviar um arquivo criptografado por e-mail. A senha é o planeta do monstro marinho.

Sei do que ele está falando: hoje de manhã, antes de ir para escola, ficamos rindo de um artigo velho que encontrei na *Eles Estão Entre Nós*, sobre como os krakens vêm de um planeta chamado Schlongda. Deve ter sido a primeira vez que vi o lado não tão sério de GUARDA. Agora que Sarah sumiu, ele é a única pessoa com quem posso conversar sobre tudo o que está acontecendo. Sei que nunca o vi pessoalmente nem falei com ele ao telefone, mas parece que é a pessoa mais inteligente que já conheci. As coisas que ele consegue fazer só com um laptop e internet me deixam de queixo caído.

Quando chego em casa e abro o arquivo que ele me mandou, não fico menos espantado.

Olho para um arquivo de texto com um monte de informações sobre o agente Purdy. Não são coisas tipo sua biografia ou no que ele está trabalhando, mas números significativos. Números de telefones. Contas bancárias. Senhas.

Mando uma mensagem para GUARDA.

JOLLYROGER182: caramba como vc conseguiu isso tudo???

GUARDA: Sou um gênio da internet.

GUARDA: Ah, e eu imprimiria e deletaria o arquivo. NUNCA ESTEVE AQUI.

JOLLYROGER182: vc pode entrar no email dele e tal?

GUARDA: Estou tentando, mas é tudo intranet. Firewall violento. E muita coisa off-line também.

JOLLYROGER182: e se a gente tivesse o pc dele?

JOLLYROGER182: 1 das senhas funcionaria?

GUARDA: Aí é outra história.

GUARDA: Espere. Você vai fazer alguma idiotice?

Estava morrendo de vontade de fazer alguma coisa. Acho que acabei de descobrir o quê.

CAPÍTULO QUINZE

Antes de sair da casa da minha avó, deixo alguns bilhetes na escrivaninha. Se eu for pego, existe a chance de ser jogado em uma van preta e nunca mais ver a luz do dia. É assim que o FBI e os mogadorianos fazem, não é? Se for o caso, não quero que minha família pense que fugi por causa deles ou algo assim. Quero que saibam que não os abandonei sem motivo.

E, se possível, também quero que saibam que deveriam sair de Paradise. A cidade está ficando perigosa demais. Deixo um recado separado para minha mãe, pedindo desculpas por não ter ligado e que ela deveria levar meu pai e minha avó para Cleveland. Assim, eles vão ficar juntos e longe da base dos mogadorianos.

Espero que eles não precisem ler essas mensagens.

Também programo um post automático no blog com o rascunho que escrevi há alguns dias sobre o que realmente aconteceu na Paradise High. Se eu não logar no site e mudar a data — ou seja, eles me pegarem —, o texto vai ser publicado em uma semana. Talvez os outros possam aprender com o que eu sabia. Talvez consigam encontrar Sarah, se eu não conseguir.

Estaciono a caminhonete em um beco perto da delegacia, de onde consigo observar a entrada por uma cerca. Tem alguns agentes lá dentro, mas é tudo o que vejo. Mando uma mensagem para GUARDA, que vai tentar distrair os caras ligando para uma das linhas do FBI para relatar que viu um adolescente com mãos brilhando e o poder de mover objetos com a mente em um posto de gasolina fora da cidade. Ele deve ter sido convincente, porque os agentes saem correndo da delegacia, entram às pressas nas SUVs pretas e somem

de vista nas ruas escuras. Pergunto a mim mesmo se meu pai será chamado. Espero que ele esteja em condições de aparecer, se for.

Um agente fica na recepção, mas já descobri como passar por ele. Tem uma janela de trava no banheiro masculino quebrada desde que eu era criança. Lembro que uma vez um novato acabou trancado do lado de fora da delegacia e ficou preso quando tentou pular a janela. Mas sou mais magro que ele, e, pouco depois de atravessar a rua e me esgueirar até a lateral da delegacia, apoio meus braços em uma pia de porcelana enquanto me puxo para dentro, tomando o cuidado de fechar a janela com o pé o mais silenciosamente possível.

Estou dentro. Agora só preciso ficar escondido.

Saio para o corredor dos banheiros e dos vestiários e espio o outro corredor. Tem algumas fileiras de escrivaninhas entre mim e o agente na recepção, que não tira os olhos do computador. A sala do meu pai é do outro lado, a cerca de vinte metros. "Só algumas jardas", digo a mim mesmo. "Molezinha."

Estou na metade do caminho quando a porta da sala do meu pai se abre.

Levo meio segundo para me jogar no chão e rolar para baixo de uma mesa, onde prendo a respiração e tento controlar o tremor das mãos. Devo ter sido rápido o bastante, já que os dois homens que saem de lá não interrompem a conversa.

— Estou dizendo, a situação aqui está sob controle — diz a voz de um homem, um pouco ofegante. — Meus agentes estão...

— Se as coisas já estivessem sob controle, Quatro não poderia entrar e sair deste fim de mundo como se fosse o quintal da casa dele — urra o outro homem, de voz grave. — Eu nunca deveria ter deixado Paradise sob a responsabilidade de alguém incapaz de cuidar da cidade. De agora em diante, meus soldados vão assumir o controle.

Deito o mais próximo possível do chão e aperto o rosto junto ao tampo da mesa, o que me deixa ver uns cinco centímetros da sala.

— Isso não é necessário — diz o homem ofegante. Seu rosto é rosado e lembra o de um porco, com um nariz grande e amassado que parece ter sido quebrado várias vezes. Eu o reconheço da foto que GUARDA e eu encontramos na internet: Purdy. Pelo menos isso quer dizer que, se eles saírem, a sala do meu pai vai ficar vazia. Se eles ficarem... Bem, estou ferrado. O outro cara é um gigante. Tem pelo menos dois metros de altura, o cabelo muito preto, preso em um rabo de cavalo que desaparece debaixo do sobretudo. De costas, ele parece uma parede humana. Uma montanha.

— Você está quase perdendo a utilidade, Purdy — diz ele. — Não deixe que isso aconteça.

O homem gigantesco avança um passo, então para. Vira o rosto para os fundos da delegacia, na minha direção, como se tivesse ouvido alguma coisa. Os olhos dele são quase completamente pretos. Refletem o brilho das lâmpadas fluorescentes.

Era um mogadoriano. Reconheceria aqueles olhos aterradores em qualquer lugar. Prendo a respiração. Se pudesse fazer meu coração parar de bater, faria, para impedi-lo de me ver.

Mas ele se vira, grunhindo para Purdy:

— Leve-me até o Número Quatro.

Ele está falando de John, penso. Tenho apenas alguns minutos até ele descobrir que o relato é falso.

Assim que a porta da delegacia se fecha, saio de baixo da mesa e atravesso a sala na ponta dos pés. Por sorte, o agente na recepção está tentando parecer o mais ocupado possível, digitando com força no teclado e me dando um mínimo de barulho como cobertura.

A sorte está ao meu lado: as chaves do meu pai ainda funcionam.

Quando entro no escritório, paro alguns segundos para soltar a respiração e me controlar, embora o fato de quase ter sido flagrado e de ter acabado de ver um mogadoriano de alto escalão seja difícil de superar. O escritório mudou bastante desde a última vez que estive aqui, quando meu pai me arrastou pra fora na noite em que John foi capturado. Algumas caixas grandes em um canto parecem

cheias dos papéis que antes estavam espalhados pelo lugar, quando a sala era do meu pai. A mesa agora está arrumada de um jeito quase obsessivo, o que é ótimo porque tem menos coisa para revirar.

Sento na cadeira atrás da mesa e mexo em alguns papéis e arquivos. Eles não revelam nada. São apenas memorandos e comunicados, como os que vão parar no site do FBI: informação pública. Estou procurando por algo um pouco mais secreto.

O laptop de Purdy é preto e lustroso, como aqueles nos filmes de espionagem. Abro-o enquanto pego um pedaço de papel do bolso com todas as informações que GUARDA encontrou. Como já esperava, o computador é protegido por senha. Digito uma das que GUARDA indicou como mais importante, e, fácil assim, funciona. Estou mexendo em um computador do FBI.

— Bendito seja, GUARDA — sussurro.

A área de trabalho está entupida de arquivos. Na parte de baixo há alguns programas. Abro o e-mail de Purdy pensando que, no mínimo, vai ser o jeito mais fácil de descobrir alguma coisa sobre Sarah. A primeira senha que GUARDA passou não funciona, mas a segunda me dá acesso à caixa de entrada.

Digito o nome dela no campo de busca tão depressa que erro duas vezes. Por fim, faço a busca, e aparecem cinquenta e-mails que tratam dela. Estremeço só de pensar em quantas vezes *meu* nome deve aparecer, mas não foi isso que vim descobrir. Olho os mais novos primeiro e acerto em cheio.

A detida Hart foi transferida para as instalações em Dulce.

Dulce. Reconheço o nome na mesma hora, de uma das edições antigas de *Eles Estão Entre Nós* e de alguns posts velhos do blog. É um nome que aparece o tempo todo, uma base secreta do governo onde, dizem, acontece muita coisa estranha. Uma versão menor da Área 51.

Sarah está presa em Dulce. No Novo México. A meio país de distância.

Preciso ir para o Novo México.

Começo a olhar os outros e-mails quando ouço a porta da delegacia bater, e em seguida uma série de xingamentos que parecem disparados na voz de Purdy.

Merda. Diante de mim está uma infinidade de informações, talvez o bastante para mudar o rumo da batalha entre Iorienos e Mogadorianos. Uma batalha que vai decidir o futuro da Terra. Esperava ter mais tempo para mexer no computador, depois fugir e deixar Purdy pensando que nunca esteve aqui. Se eu sair agora, posso tentar encontrar Sarah e descobrir sozinho o que está acontecendo entre o FBI e os Mogadorianos. Mas, se eu levar o computador, se eu *roubar* esse laptop do FBI, talvez possa ser um herói. Com a ajuda de GUARDA, vou conseguir acessar tudo que está no disco rígido. Quem sabe o que podemos descobrir? Sarah pode ajudar, depois que eu a salvar. Se esse laptop tiver uma boa quantidade de informações, talvez eu consiga salvar todo mundo.

E Sarah não ficaria muito impressionada com isso?

— Dane-se — digo, puxando o adaptador da tomada e colocando o computador debaixo do braço.

Enquanto Purdy repreende o agente na recepção, destravo uma das janelas da sala do meu pai e saio. Em um segundo, estou na caminhonete, disparando para fora do beco. Olho uma última vez para a delegacia. Purdy ainda está lá na frente. Bom. Talvez eu tenha algum tempo antes de ele perceber o que aconteceu.

Tempo suficiente para sair de Paradise.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Tomo café da manhã em uma lanchonete a algumas horas de Paradise: uma pilha fumegante de panquecas e duas porções de bacon. Nunca fui de beber café, mas já estou na terceira xícara. Preciso me manter acordado e alerta. Tenho um longo caminho pela frente.

Entre garfadas de panqueca, giro meu celular descartável na mesa. Meu verdadeiro celular está em algum lugar à beira da estrada que usei para sair de Paradise, com todas as minhas informações apagadas e atropelado por minha caminhonete. Todas as informações de que preciso estão neste aqui. Fico preocupado por Sarah não ter meu novo número, caso tente entrar em contato, mas não posso arriscar ser rastreado. Além disso, ainda tenho e-mail, e planejo escrever para ela uma vez por dia até receber uma resposta. Vou pedir para GUARDA descobrir como bloquear meu endereço de IP, desviar meus e-mails por algum satélite, ou algo do tipo.

Já cancelei a postagem automática no blog. Vai continuar na minha pasta de rascunhos, por enquanto. Não estou pronto para revelar tudo aquilo. Algo me diz que preciso esperar um pouco para usar essas informações de forma mais estratégica.

Penso em ligar para minha família e tentar me explicar melhor, mas não posso arriscar. Eles não vão entender, e dar informações sobre meu destino ou objetivo é perigoso para eles. Só espero que não fiquem muito chateados. Se eu tiver sorte, volto com Sarah a tempo da formatura. Isso se ainda tiver formatura. Isso se Paradise ainda estiver de pé.

A lanchonete está bem vazia — o sol está começando a nascer —, mas, ainda assim, sou cuidadoso. Espero o velho na mesa atrás da minha sair antes de abrir o laptop. Não sei nem por onde começar. Talvez seja melhor enviar essa porcaria para GUARDA...

Não. Se alguma coisa aqui pode me ajudar a encontrar Sarah, preciso da informação agora. Mais do que a cidade onde ela está. Preciso saber como ajudá-la.

Vasculho alguns e-mails, a maioria cheia de uma terminologia que não entendo. Digo a mim mesmo que, com o tempo, vou analisar cada palavra dessas mensagens. Parece haver problemas entre o FBI e o Departamento de Defesa, e me esforço para lembrar algo que aprendi nas aulas sobre o governo americano que explique o que o Departamento de Defesa faz, além de qualquer coisa vagamente relacionada com a segurança nacional. Também tem um monte de referências a uma secretária que está ajudando os mogadorianos, mas não sei por que Purdy está tão interessado em uma assistente de escritório.

Depois de um tempo, paro de vasculhar os e-mails e começo a procurar informações em outros lugares. Primeiro, abro alguns arquivos do desktop. Uma pasta me chama atenção: MogPro.

Mogadorianos.

Clico duas vezes, mas, em vez de a pasta abrir, aparece uma janela para inserir a senha. Não tem espaço para nome de usuário, apenas o campo para a senha no topo da área de trabalho. Tento clicar em alguns dos outros arquivos, mas a janela me impede de fazer qualquer outra coisa. Pego a lista de senhas que GUARDA mandou e tento a que dá acesso ao computador. Um pequeno "X" vermelho aparece abaixo da janela.

Ok.

Tento mais uma vez e aparece mais um "X". Quando aperto a tecla Enter pela terceira vez, me dou conta do que o "X" deve significar.

— Ah, não, não, não, não, não... — sussurro.

Mas é tarde demais. Ferrei tudo. Um terceiro "X" aparece e, de repente, o computador começa a soltar um zumbido enquanto o HD entra em uma atividade frenética. Começo a ver arquivos desaparecerem do desktop. Por fim, a tela fica preta. O botão de ligar não funciona.

— Não! — grito — Desgraçado!

Bato com o punho na mesa, sacudindo os pratos. Os poucos clientes do lugar olham para mim. A garçonete vem correndo.

— Tudo bem aí? — ela pergunta, com a voz mais irritada do que preocupada.

— Sim — respondo, pegando a carteira. — É só que... Perdi o dever de casa.

Quase entrego o cartão de débito, mas puxo de volta antes de ela conseguir pegá-lo. Já vi seriados policiais o suficiente para saber que não devo deixar rastros. Em vez disso, entrego uma nota de vinte e me pergunto se é tarde demais para tirar dinheiro em um caixa eletrônico — e se uma horda de agentes do FBI não vai cair do céu quando eu fizer isso.

Quando saio da lanchonete, estou furioso comigo mesmo. Penso em jogar o laptop no chão e chutá-lo no estacionamento. Mas talvez ele ainda seja útil. Ainda estou começando a aprender sobre computadores. Talvez GUARDA consiga salvar alguma coisa do HD. Talvez até mesmo alguma informação que possa ajudar os lorientos e o resto do mundo, caso os mogadorianos decidam invadir em massa.

Entro na caminhonete e sigo para a estrada. Há pouquíssimos carros à vista. O sol está atrás de mim. Meus olhos estão vermelhos por causa do café, mas vou ficar bem. É melhor do que dormir ao volante. Afinal, são vinte horas de viagem até o Novo México.

SOBRE O AUTOR

© Howard Huang



Pittacus Lore é o Ancião a quem foi confiada a história dos Iorienos. Passou os últimos anos na Terra, preparando-se para a guerra que decidirá o destino do planeta. Seu paradeiro é desconhecido.

www.serieoslegadosdelorien.com.br

CONHEÇA OS LIVROS DA SÉRIE

OS LEGADOS  DE LORIEN



Eu sou o Número Quatro



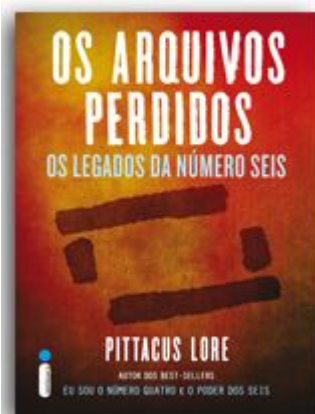
O poder dos seis



A ascensão dos nove



A queda dos cinco



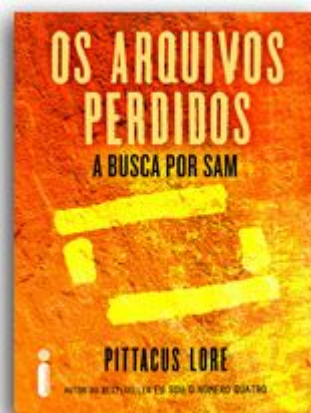
Os arquivos perdidos:
Os Legados
da Número Seis



Os arquivos perdidos:
Os Legados
do Número Nove



Os arquivos perdidos:
Os Legados
dos mortos



Os arquivos perdidos:
A busca
por Sam



Os arquivos perdidos:
Os últimos dias de Lorien

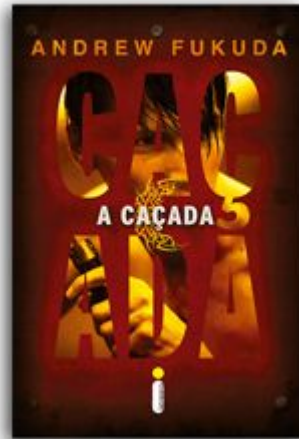


Os arquivos perdidos:
Os esquecidos

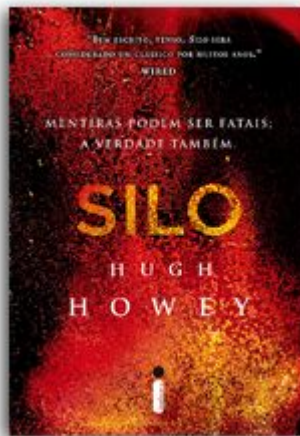


Os arquivos perdidos:
Os Legados do Número Cinco

TÍTULO RELACIONADOS



A caçada
Andrew Fukuda



Silo
Hugh Howey



Half Bad
Sally Green



Aniquilação
Jeff Vandermeer